ISTOÉ
A SEMANA
Edição 10 - 7/11/25

COP30

O QUE ESPERAR DA CONFERÊNCIA DO CLIMA

Reunidos em Belém, líderes mundiais e representantes da sociedade civil iniciam os debates e negociações para conter o aquecimento global e a devastação do planeta

Chefes de Estado reunidos na quinta-feira, 6

ISTOÉ sustentável

ines249

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br

Editorial

Para entender a COP30

Sede de conferências ambientais de grande relevância como a Eco 92, realizada no Rio de Janeiro em 1992, ou a Rio+20, na mesma cidade, em 2012, o Brasil abriu, na prática, a Conferência das Nações sobre Mudanças Climáticas (COP30), em Belém, no dia 6, cercado de grandes expectativas. Como mostra a série de reportagens que começa na página 7, alinhavar os acordos e chegar a um consenso sobre metas e financiamentos que envolvam o combate ao aquecimento global será uma tarefa hercúlea.

Apenas no quesito financiamento serão necessários investimentos de US$ 1,3 trilhão ao ano, segundo as mais recentes estimativas.

SERGIO MORAES/COP30

Centro de convenções em Belém, sede dos debates e negociações da conferência

Esta edição especial dedicada à COP30 traz reportagens produzidas pelos jornalistas Ana Carolina Nunes, Jennifer Ann Thomas e João Victor Revedilho, sob coordenação do editor Carlos Eduardo Vasconcelos e edição final da editora-executiva Lena Castellón. A edição visual é do diretor de arte Alexandre Akermann e da designer Mayara Novais. Um time de peso para uma cobertura de grande relevância que se estende ao site IstoÉ Sustentável, com notícias em tempo real e entrevistas em vídeo desse evento de grande relevância para o Brasil e o planeta.

Índice

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE MATEUS BONOMI/ REUTERS E TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL

4 ENTREVISTA
7 BRASIL
18 ECONOMIA
20 INTERNACIONAL
24 SAÚDE
26 CIÊNCIA
28 GENTE
30 ESPORTE
31 ESTILO DE VIDA
34 ENTRETENIMENTO
38 MEMÓRIA
40 O MELHOR DAS REDES
41 PALAVRA POR PALAVRA

MIKE SEGAR

Zohran Mamdani foi eleito prefeito de Nova York

DIVULGAÇÃO/FORMATA/RICARDOBUFOLIN

O cantor Péricles está em dois programas de TV

DIVULGAÇÃO

O Brasil se despede do músico Lô Borges

Expediente

ISTOÉ publicações

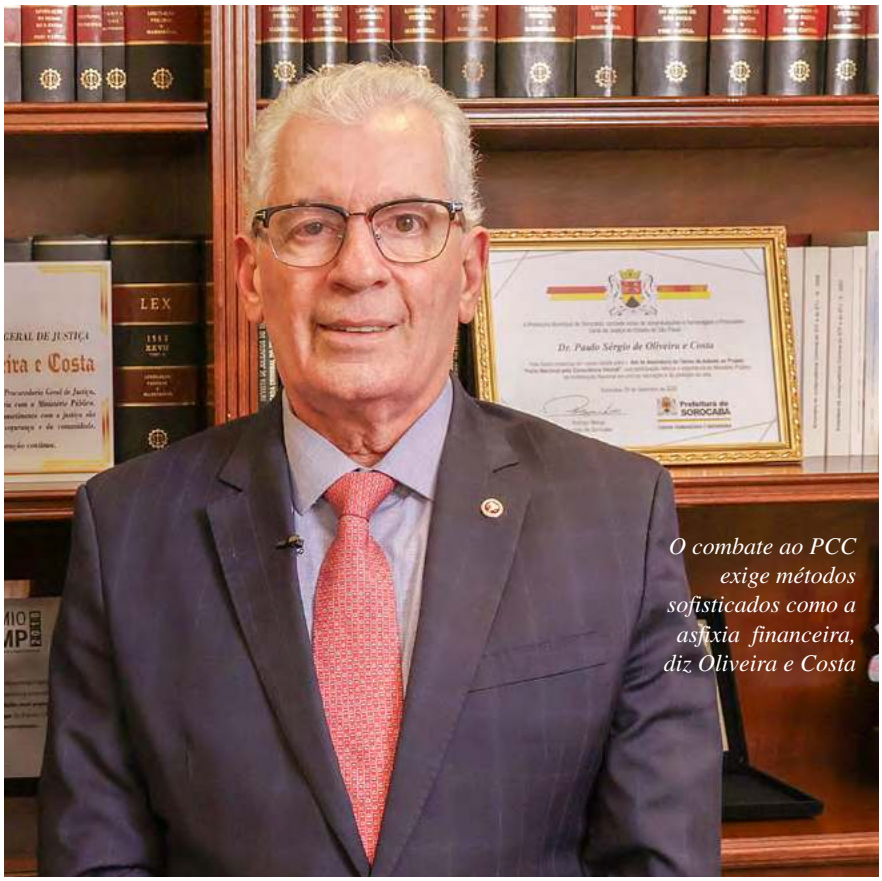
ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL: Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA
EDITORA-EXECUTIVA: Lena Castellón
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br
Instagram: @revistaistoe
YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE
X: @revistaISTOE
TikTok: @revistaistoe
LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/istoe/
Redação e correspondência:
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi, São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ – A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

Ines249



O combate ao PCC exige métodos sofisticados como a asfixia financeira, diz Oliveira e Costa

LEONARDO MONTEIRO

"PCC age como máfia"

O procurador-geral de Justiça de São Paulo, Paulo Sérgio de Oliveira e Costa, alerta que o crime organizado se infiltra em processos públicos e na economia formal e promove ataques diretos ao Estado

Nomeado em abril de 2024, o procurador-geral de Justiça paulista, Paulo Sérgio de Oliveira e Costa, mostra como a união de forças entre o Ministério Público de São Paulo e as Polícias Civil e Militar já resultou em 164 operações sem violência e bilhões em bens apreendidos, o que ficou evidenciado pela Operação Carbono Oculto, neste ano. Ele afirma que o Brasil enfrenta uma grave crise de criminalidade. Para Oliveira e Costa, o Primeiro Comando da Capital (PCC) atua como uma organização transnacional, com vínculos com a 'Ndrangheta italiana, grupo criminoso que se originou na Calábria, e com forte presença na economia formal para lavar dinheiro do tráfico. Segundo o procurador, o maior risco agora é a infiltração da facção nas esferas de poder, por meio do financiamento de campanhas políticas e da tentativa de ocupar cargos eletivos. "O Estado precisa ser mais organizado que o crime", resume.

João Vitor Revedilho

Como avalia o trabalho do Ministério Público desde que assumiu?

Desde o início da gestão, alertamos que o Brasil enfrenta uma crise de criminalidade comparável a outros países, que só superaram o problema com leis mais duras contra o crime organizado. Além do narcotráfico, há ataques diretos ao Estado, como os assassinatos em Guarulhos [do empresário Antônio Vinicius Lopes Gritzbach, em novembro do ano passado; ele foi investigado por envolvimento com o PCC e fez acordo de delação premiada com o Ministério Público de São Paulo] e do delegado Ruy Fontes [executado em setembro no litoral paulista]. Estabelecemos uma estratégia integrada com Gaeco (Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado), Polícias Civil e Militar, resultando em 164 operações sem violência e bilhões em bens apreendidos. A Operação Carbono Oculto comprovou como o PCC usa a economia formal para lavagem de dinheiro, levando à antecipação da regulação de fintechs. O maior avanço foi demonstrar que a colaboração entre órgãos torna o Estado mais organizado que o crime.

A Operação Carbono Oculto mostrou que o PCC atua no mercado financeiro. Como combater essa nova face do crime organizado?

A Operação Carbono Oculto, realizada com Polícia Federal, Receita Federal e ANP (Agência Nacional do Petróleo), demonstrou que o PCC utiliza a economia formal para lavar recursos do tráfico. Durante um ano de investigações, constatou-se que as fintechs – até então pouco fiscalizadas – eram instrumentalizadas pela organização, que chegou a estruturar seu próprio sistema bancário. Como resultado direto, a Receita Federal antecipou para já a equiparação das fintechs aos bancos em termos de fiscalização, medida prevista apenas para 2029. O maior avanço foi demonstrar que a colaboração entre órgãos permite ao Estado ser mais organizado que o crime, superando o desafio de combater essa nova faceta do crime organizado.

ines249

Como o PCC evoluiu de facção prisional para organização com controle de postos de combustível, motéis e imobiliárias de luxo?

Diversos fatores permitiram o crescimento do PCC, incluindo brechas legais, compreensão inadequada do sistema de justiça e a relativização de condutas que deveriam ser tratadas com rigor. A organização tornou-se transnacional, com parcerias como a 'Ndrangheta na Itália [grupo criminoso com origem na Calábria] para distribuição de drogas na Europa. Atualmente, nossa maior preocupação é a incursão do crime na política e na economia formal, com tentativas de ocupar cargos eletivos. Mantemos um sistema de inteligência com o TRF (Tribunal Regional Federal) para impedir essa infiltração em instituições públicas. O Brasil precisa enfrentar esse fenômeno com união de esforços, sem ideologizar um tema tão crucial para a sociedade.

Com suspeitas de infiltração em órgãos públicos, como evitar que o crime organizado influencie as eleições de 2026?

O crime organizado atua financiando campanhas de forma paralela ou selecionando candidatos para concorrer a cargos públicos, inclusive mediante concursos. No Ministério Público, nossos concursos contam com um serviço de inteligência atuante para fiscalizar e coibir essa prática. No entanto, no poder público como um todo, esse controle se torna mais difícil. Um exemplo recente foi a operação que revelou o controle do PCC sobre duas empresas de ônibus em São Paulo, responsáveis pelo transporte diário de 1,2 milhão de pessoas. Após a intervenção, a prefeitura assumiu a gestão do serviço – mantendo a continuidade do transporte –, cancelou um contrato e iniciou o processo de caducidade do outro, visando nova licitação. A prevenção desse tipo de situação exige o fortalecimento dos órgãos de controle internos e externos: controladorias, corregedorias, transparência na publicidade dos atos e verificação rigorosa do histórico dos contratados – incluindo a identificação de diretores e dos reais responsáveis pelos empreendimentos. É momento de aprofundar a análise desses processos para proteção da sociedade. Há uma carência de transparência, especialmente quanto a esses dados. Tornou-se essencial saber quem são os verdadeiros beneficiários dos contratos públicos.

LEONARDO MONTEIRO

Qual a estratégia para sufocar o PCC considerando seu alto nível de organização atual?

O combate ao PCC exige métodos sofisticados como a asfixia financeira, estudada a partir de experiências internacionais. O Ministério Público propôs ao ministro da Justiça uma norma que permite o perdimento de bens independentemente da ação penal, fundamentada no princípio constitucional da função social da propriedade. A medida agiliza a conversão de bens apreendidos em recursos para o Estado, financiando o próprio combate ao crime. Como iniciativa complementar, foi criado no Colégio dos Procuradores um grupo para perseguir bens fraudados durante processos, reunindo promotores e órgãos fazendários para anular alienações fraudulentas e assegurar a recuperação dos valores.

A PEC da Segurança é eficaz contra o crime organizado? Quais pontos são mais relevantes?

Apresentamos um adendo para o ministro Ricardo Lewandowski [da Justiça], que ele não apenas o aprovou, como o incorporou à proposta de Lei Complementar antimáfia, atualmente vinculada à PEC da Segurança. Sobre esta, é notória a discussão nacional acerca da possível perda de autonomia dos Estados com a criação de um órgão centralizador. Trata-se de aspecto crucial, embora a PEC contenha elementos positivos que incentivam a colaboração entre instituições, o fortalecimento dos órgãos de controle e uma atuação mais coordenada contra o crime. A autonomia estadual, contudo, permanece como questão fundamental. Como Procurador-Geral de Justiça, tenho reiterado que o Ministério Público deve permanecer acima das disputas partidárias e focado em sua função técnica – é essa isenção que garante nossa legitimidade. Diante de controvérsias sobre segurança, mantemos o foco no que é essencial para a sociedade. Não cabendo ao Ministério Público apoiar ou rejeitar a PEC – matéria de competência do Congresso e dos governos –, reconheço seus méritos, mas alerto para o risco de debates prolongados retardarem o que é urgente: a ação efetiva. Já dispomos de mecanismos que permitem avanços imediatos, como demonstrado pela Operação Carbono Oculto, realizada em conjunto com governos federal e estadual. É possível ampliar essa articulação com a Polícia Rodoviária Federal e o COAF (Conselho de Controle de Atividades Financeiras), parceiros estratégicos. Minha posição é pragmática: temos instrumentos para agir agora. A PEC deve ser debatida pelo Congresso, mas não podemos paralisar enquanto isso não ocorre.

Ines249

O PCC já pode ser classificado como máfia?

Sim, o PCC está mais próximo de uma máfia, pois algumas ações que tem patrocinado são de mafiosos. Ingressar na economia formal de um Estado com a robustez econômica de São Paulo não é algo pequeno. É muito grave. O Brasil não pode relativizar o fato. É preciso ser firme e rigoroso. Assassinar uma pessoa em frente ao aeroporto de Guarulhos, em uma situação que leva a mensagem "temos força e podemos agir assim" são atitudes típicas de máfia. No entanto, não avanço em outras classificações, como "narcoestado" ou "estado terrorista". Tais definições não cabem ao Ministério Público. Prefiro manter-me nessa posição.

LEONARDO MONTEIRO

Como o MP atua na investigação do assassinato do delegado Rui Fontes?

O Ministério Público vem atuando desde o dia da morte. Falei com o governador e, no mesmo dia, com o secretário de elite. Determinamos que o Gaeco Núcleo Santos atuasse em conjunto com as forças de segurança. O Ministério Público está bastante atento, e em breve teremos os resultados desses trabalhos. A Polícia Civil e a Polícia Militar têm sido muito eficientes na identificação e na captura dos envolvidos. Já há vários elementos presos, e agora se inicia a fase de obter, por meio deles, as informações necessárias para esclarecer os motivos desse crime. Comenta-se que poderia ter sido por um fato pretérito, outros mencionam um fato recente. A questão central é que foi assassinado um delegado respeitado, ex-delegado da Polícia Civil e delegado-geral, em uma situação que mais uma vez chocou a população brasileira. Estamos próximos de identificar quem ordenou o crime.

A disputa política entre governos federal e estadual atrapalha o combate ao crime?

A política brasileira apresenta essas complexidades, mas gostaria de destacar novamente a Operação Carbono Oculto, que representou uma experiência significativa para nossa instituição. Nessa operação, o Ministério Público, em conjunto com os demais parceiros, exerceu um papel fundamental de coordenação. Os promotores envolvidos garantiram, em todos os momentos, que as ações permanecessem livres de qualquer influência política. Na coletiva de imprensa em que anunciamos os resultados, deixamos claro: a autoria de nosso trabalho, dessas operações e de todas as ações do Ministério Público pertence a um único ente: o povo brasileiro. É ao cidadão, que custeia os salários dos funcionários públicos, que dedicamos nosso trabalho. Atuamos sem ideologia e sem viés político, em um combate firme e organizado, demonstrando que podemos ser mais estruturados que o próprio crime.

Qual o andamento das investigações sobre as bebidas adulteradas com metanol?

Como cidadão, compartilho do impacto sentido pela população diante da gravidade e da proporção desses eventos. Imediatamente instituímos o NAI – Núcleo de Apoio à Investigação –, composto por promotores criminais e também por especialistas em direito do consumidor e direitos humanos, refletindo nossa preocupação com todas as dimensões do caso, não apenas com a responsabilização penal. Quanto ao metanol, sua utilização foi de fato comprovada. A Operação Carbono Oculto revelou a importação do produto via navios para adulteração de combustíveis. Não se descarta o desvio e comercialização irregular de parte desse volume. Todos os elementos estão sob análise, embora ainda não haja uma causa específica para a tragédia. O Brasil, com apoio de organismos internacionais, atua de forma coordenada para prevenir novas fatalidades e retirar do mercado as garrafas contaminadas. Este episódio evidencia, contudo, deficiências históricas na fiscalização e a escalada industrial da adulteração de bebidas no país. A introdução de componentes letais representa um agravante, tornando imperativo identificar causas e motivos para implementar medidas efetivas que previnam sua reincidência.

A falsificação de bebidas é um problema crônico. Por que só agora ganhou esta proporção?

A investigação apura todas as hipóteses levantadas. Nenhuma foi descartada, embora ainda não seja possível determinar com precisão as causas do ocorrido. Nossa prioridade imediata é proteger a população, impedindo que novos casos venham a acontecer. No Brasil, a criminalidade alcançou tais dimensões que ilícitos de menor impacto foram progressivamente negligenciados pelo poder público, inclusive em termos de fiscalização. A adulteração de bebidas alcoólicas constitui crime grave em qualquer democracia consolidada, com consequências potencialmente devastadoras, como as que testemunhamos. Não se pode, portanto, trivializar condutas que ofendem diretamente o Estado e a sociedade.

ines249

TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL

Da floresta ao mundo

SERGIO MORAES/COP30

Centro de convenções da COP30 abre as portas para 12 dias de negociações

ines249

Como a COP30, realizada na Amazônia, pretende traduzir acordos climáticos em ações concretas; acertos multilaterais driblam a ausência dos EUA da conferência

Jennifer Ann Thomas e Ana Carolina Nunes

A imagem de um oásis – a lagoa cristalina em uma região fértil no meio do deserto – é a ideia que se tem de salvação. Um refúgio em meio a condições inóspitas que impediriam qualquer um de se manter vivo. Em Belém, cidade que exala cultura, biodiversidade e é uma das portas de entrada para a imensidão da Amazônia, o oásis está na instalação de salas de negociação para construir acordos entre 196 países que garantam as melhores condições possíveis para enfrentar a crise climática. Nesse caso, a sobrevivência depende do pleno funcionamento do multilateralismo, uma das tônicas da COP30, a conferência do clima organizada pela ONU, que abre suas portas no Parque da Cidade, na capital paraense, nesta segunda-feira, 10, se estendendo até o dia 21.

Enquanto edições anteriores foram marcadas por grandes temas – como o financiamento climático, na COP29, no Azerbaijão –, esta tem vários itens de negociação na mesa. Agora, além de avançar em assuntos menos chamativos, a presidência brasileira da conferência se propõe a deixar mais claro como as discussões que acontecem no ambiente formal da ONU interferem no dia a dia da população.

O momento, contudo, não poderia ser mais desafiador. De acordo com Cláudio Ângelo, coordenador de política internacional do Observatório do Clima (rede brasileira de organizações da sociedade civil que atuam em defesa do meio ambiente), o atual cenário geopolítico é completamente diferente daquele que recebeu a Cúpula da Terra, no Rio de Janeiro, em 1992 – também chamada de Eco 92 –, encontro que deu origem às conferências do clima da ONU. "Estávamos saindo da Guerra Fria e era a primeira vez em muito tempo que a humanidade conseguia olhar para um horizonte além da perspectiva de aniquilação nuclear. Foi um momento de catarse coletiva", lembra. Hoje, segundo ele, "há uma tentativa pelos Estados Unidos de acabar com a ordem mundial baseada em regras, estabelecendo uma ordem baseada em força, que é pré-ONU".

Mais de três décadas depois dessa cúpula mundial, a situação climática se agravou dramaticamente. Em outubro, a ONU admitiu que é inevitável ultrapassar 1,5°C de aquecimento do planeta, em comparação a níveis pré-industriais – meta estabelecida no Acordo de Paris (o mais importante tratado global sobre mudanças climáticas). Dias antes do início da COP30, apenas 64 países haviam entregado suas novas metas climáticas, as chamadas NDCs. Com as metas atuais, o mundo caminha para um aquecimento de 2,5°C até 2100.

Das negociações para a vida real

Apesar do contexto adverso, a COP30 tem mais de 20 tópicos em negociação que podem gerar resultados concretos. Um deles é o financiamento climático, em uma espécie de continuação do que foi proposto no ano passado. Está em discussão a nova meta coletiva quantificada (NCQG, na sigla em inglês), que deve substituir o compromisso anterior de US$ 100 bilhões anuais dos países desenvolvidos para os países

RAFA NEDDERMEYER/COP30

Belém recebe delegações para a construção de acordos entre 196 países

ines249

Cláudio Ângelo, do Observatório do Clima, destaca como legado o avanço de tecnologias renováveis

em desenvolvimento. A expectativa é que o novo valor chegue a US$ 1,3 trilhão e inclua mecanismos mais justos de distribuição dos recursos.

Outro tema de destaque é a adaptação, conceito que representa as ações e estratégias que vão ajudar sociedades, e ecossistemas a lidar com os efeitos das mudanças climáticas. A definição de cerca de 100 indicadores globais permitirá medir se as cidades estão se preparando para eventos extremos. Para Linda Murasawa, especialista brasileira em financiamento climático, os municípios não foram construídos para suportar o calor extremo. Além disso, "a falta de resiliência é o que faz as pontes caírem e as estradas ficarem desgastadas a cada grande chuva".

Como essas decisões chegam ao cotidiano das pessoas? A conexão entre política climática global e economia real passa por diversos setores. Quando a COP estabelece metas de redução de emissões, ela movimenta indústrias inteiras. O aumento de painéis solares em telhados brasileiros é resultado direto de políticas de estímulo às renováveis discutidas em conferências anteriores.

A conta de energia é um exemplo para ilustrar essa conexão. O Brasil tem 70% da matriz energética renovável, mas muitas casas ainda pagam caro porque dependem de hidrelétricas que, em períodos de seca, acionam termelétricas movidas a combustíveis fósseis – daí as bandeiras vermelhas. A energia eólica e solar já existem em abundância no Nordeste, mas faltam linhas de transmissão para levá-las até o Sudeste.

A produção de alimentos também está conectada às negociações climáticas. O setor agrícola responde por grande parte das emissões brasileiras e é vulnerável ao clima. "Se as perdas agrícolas aumentam, automaticamente aumenta o preço na prateleira do supermercado", diz Linda.

Na expectativa do embaixador André Corrêa do Lago, presidente da COP30, o tema será "prioridade absoluta" da conferência. "Espero que as pessoas lembrem dessa COP como uma COP de adaptação", ressaltou, em conversas com jornalistas, após evento em São Paulo, nesta semana.

Outro tópico fundamental nas discussões da COP30 é o mercado de carbono, previsto no Acordo de Paris, e que já mexe a economia de modo concreto.

Diversos projetos foram criados, gerando empregos e iniciativas em áreas como reflorestamento e conservação. No Brasil, a implementação do mercado regulado está em andamento, mas a expectativa é que ele amplie significativamente as oportunidades econômicas ligadas à redução de emissões.

Por sua vez, a questão da transição justa busca criar mecanismos que ajudem países e comunidades a mudarem suas economias sem deixar ninguém para trás, como um trabalhador de mineradora de carvão que precisa de alternativas de emprego ou uma cidade dependente de petróleo que precisa diversificar sua economia.

Ao mesmo tempo em que enfrentar a mudança climática se torna cada vez mais urgente, pesquisas recentes feitas pela Ipsos revelam um paradoxo na percepção do público brasileiro. A COP30 conta com o apoio de 64% dos entrevistados, mas 55% admitem não estar nada informados sobre o tema. O dado ganha relevância quando contrastado com outro resultado: 59% acreditam que as decisões tomadas na conferência terão impacto real nas suas vidas.

O desafio do multilateralismo

Coordenar quase duas centenas de países, cada um com seus interesses econômicos, pressões políticas internas e níveis diferentes de vulnerabilidade climática já seria desafiador em condições ideais. Com a ausência dos Estados Unidos na COP30, o cenário se torna ainda mais complexo. É preciso esclarecer que o país é, historicamente, o principal poluidor no mundo. Em janeiro deste ano, o governo Donald Trump notificou a ONU a retirada da nação do Acordo de Paris. É justamente nesse contexto adverso que o multilateralismo se mostra necessário e resiliente.

Marina defende a robustez do fundo de florestas tropicais, apresentado pelo Brasil

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/ AGÊNCIA BRASIL

ines249

RAPHAEL LUZ/AGÊNCIA PARÁ

O Parque da Cidade abriga as áreas das negociações, fechada, e a dos eventos públicos

A urgência é evidente: as metas para 2030 foram estabelecidas há anos, quando o prazo parecia longínquo. E 2050, marco para a neutralidade de carbono em diversos países, está a apenas 25 anos de distância, um período curto para as transformações estruturais necessárias na economia global.

Há, porém, avanços concretos. Para Nycolas Cândido, pesquisador da Plataforma Cipó, a COP30 representa uma virada. "É a COP da implementação. O que queremos ver é a adoção de medidas que estão vindo do mutirão", disse. Ele se refere ao conceito de mutirão global, proposto pela presidência brasileira como uma estratégia para ampliar a mesa de negociações para além dos governos nacionais. Recentemente, a Plataforma Cipó lançou um banco de soluções climáticas subnacionais, justamente porque, na avaliação de Cândido, a adaptação acontece, de fato, nos estados e municípios.

Na abertura do Fórum de Líderes Globais de Cidades – que integra a agenda da conferência, e foi realizado na segunda-feira, 3, no Rio de Janeiro –, a diretora-executiva da COP30, Ana Toni, afirmou que os governos locais são decisivos para o sucesso do evento. Ao ser questionada sobre alcançar os principais objetivos da COP, ela respondeu que só é possível alcançá-los com os prefeitos. "Por essa razão, colocamos o papel subnacional dos prefeitos e dos governadores na linha de frente em nossa própria ambição".

Mesmo o legado das COPs anteriores traz lições de otimismo. Ângelo lembra que "a convenção conseguiu nos salvar de muita coisa. Estamos vendo uma invasão de carros elétricos, de tecnologia renovável barateada, e isso é legado direto da Convenção do Clima". O que a COP30 propõe agora é fazer o regime climático transbordar para além das negociações da ONU. Bancos multilaterais e ministérios da Economia, por exemplo, terão de usar as NDCs em seus planejamentos. Na prática, quando o BNDES emprestar dinheiro para uma indústria, ele terá de considerar se o projeto está alinhado com as metas climáticas do Brasil.

Em um potente discurso sobre a mudança do clima, o secretário-geral da ONU, António Guterres, alertou: "é absolutamente indispensável mudar de curso para evitar pontos de não retorno, como na Amazônia". Alguns desses pontos de inflexão já foram ultrapassados, como a morte dos recifes de corais, denunciada em outubro. Na quarta-feira, 5, a rede MapBiomas, que faz monitoramento climático desde 1985, revelou que a Amazônia brasileira registrou, em 2024, uma temperatura média 1,5°C acima do normal dos últimos 40 anos, o patamar crítico apontado pelo Acordo de Paris.

Contudo, a mensagem que emerge de Belém não é de desistência. "Se queremos contrabalancear o poder bloqueador de um ator como os Estados Unidos, precisamos fortalecer a coordenação multilateral e a capacidade institucional dos mecanismos multilaterais. Temos de trazer mais atores para a mesa", argumenta Cândido.

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/ AGÊNCIA BRASIL

Altas expectativas: Corrêa do Lago e Ana Toni, o presidente e a diretora-executiva da COP

ines249

Confira 5 macrotemas com potencial para gerar resultados mais práticos

CHRISTOPHER PIKE/UN

A COP28 fez a primeira rodada do GST, um inventário mundial do esforço climático

1. Global Stocktake

O termo Global Stocktake (GST), ou Balanço Global, representa um grande inventário coletivo do esforço climático mundial. Previsto no Acordo de Paris, esse mecanismo avalia a cada cinco anos se os países, em conjunto, estão fazendo o suficiente para conter o aquecimento global dentro dos limites seguros.

A primeira rodada, concluída na COP28 em Dubai, trouxe um diagnóstico incômodo. Mesmo que todos os países cumpram integralmente suas atuais Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), o planeta caminha para um aquecimento entre 2,5°C e 3°C até o fim do século, bem acima dos 1,5°C estabelecidos como limite de segurança.

O GST revelou uma lacuna de ambição que precisa ser fechada com urgência. O Brasil, por exemplo, atualizou sua NDC em 2024, comprometendo-se a reduzir emissões em 53% até 2030 e alcançar neutralidade climática até 2050.

Na COP30, os países apresentarão suas novas NDCs, elaboradas com base nas conclusões do primeiro GST. É o momento em que cada nação deve demonstrar como aumentará sua ambição climática para fechar a lacuna identificada. O Brasil, como anfitrião, tem a responsabilidade de liderar pelo exemplo, mostrando que é possível conciliar desenvolvimento econômico com metas mais ousadas de redução de emissões.

2. Indicadores de Adaptação

Enquanto a mitigação (redução das emissões de gases de efeito estufa) domina as manchetes climáticas, a adaptação permaneceu por anos na penumbra das negociações. O Global Goal on Adaptation (GGA), ou Meta Global de Adaptação, estabelecido no Acordo de Paris, busca mudar essa realidade ao criar um marco comparável ao limite de 1,5°C, mas voltado para a capacidade de resistência das sociedades.

O GGA tem três objetivos centrais: reduzir a vulnerabilidade aos impactos climáticos, aumentar a capacidade adaptativa das comunidades e fortalecer a resiliência dos sistemas naturais e humanos. Mas diferentemente da mitigação, que se mede em toneladas de CO_2, como medir se uma cidade está adaptada? Como avaliar se um sistema de saúde suporta ondas de calor crescentes?

A COP30 enfrenta o desafio de operacionalizar a meta de adaptação por meio de 100 indicadores globais que permitam mensurar a adaptação de forma comparável entre países. Esses indicadores cobrem múltiplas dimensões: capacidade hospitalar para eventos extremos, resiliência da infraestrutura urbana, segurança hídrica, variedades agrícolas resistentes ao clima, sistemas de alerta precoce.

A negociação dos indicadores é complexa porque países desenvolvidos e em desenvolvimento enfrentam realidades distintas. A solução está em criar métricas flexíveis que capturem contextos locais sem perder a comparabilidade global. Sem indicadores claros, a adaptação continuará em segundo plano para os fluxos financeiros. Enquanto a mitigação atrai investimentos com títulos sustentáveis e créditos de

TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

Indicadores devem monitorar como cidades se adaptam a cenários como ondas de calor

ines249

carbono, a adaptação permanece subfinanciada, apesar de ser uma questão de sobrevivência imediata para milhões de pessoas.

3. Mercado de carbono

A COP30 ocorre cerca de um ano após o Brasil ter aprovado a regulamentação do mercado regulado de carbono – oficialmente chamado de Sistema Brasileiro de Comércio de Emissões (SBCE) –, um dos principais mecanismos de redução de emissões de gases do efeito estufa (GEE), grande contribuinte do processo de mudanças climáticas. Com esse mercado, a partir de definições de empresas e países sobre suas respectivas reduções ou limite de emissões, passam a ser realizadas transações entre quem precisa comprar crédito de emissão de carbono e quem tem "emissões" para vender, por emitir menos GEE ou capturar mais carbono da atmosfera por meio de ações como o reflorestamento.

Setores como a indústria pesada ou com alto consumo de combustível fóssil (aviação, por exemplo) são os que mais têm dificuldade em reduzir emissões, e poderão comprar créditos daqueles que passaram pela transição energética ou adotaram medidas que reduzem ou compensam suas emissões. Neste mercado, um crédito é igual a uma tonelada de carbono equivalente (CO2e).

O princípio desse segmento se baseia na máxima de que "poluir custa e reduzir emissões gera valor". Apesar da sanção da lei que regulamenta o mercado no Brasil, ainda levará uns anos para ele que esteja operando, mais próximo de 2030, data limite para cumprimento de compromissos climáticos assumidos na COP21 em Paris, dez anos atrás. A principal complexidade é garantir a rastreabilidade, transparência e integridade dos créditos de carbono (para evitar, por exemplo, a "dupla contagem") e harmonizar as regras

No início da semana, foi editado o decreto que estabeleceu a Taxonomia Sustentável Brasileira (TSB), um importante passo para o avanço do Brasil no mercado de carbono regulado. Isso porque ele define os critérios do que seria realmente "verde" e com valor e legitimidade no segmento, o que passa por viés científico, social e econômico.

KANENORI/PIXABAY

Indústrias que consomem mais combustível fóssil têm mais dificuldade de reduzir emissões

4. Fundo Florestas Tropicais Para Sempre (TFFF)

Uma das iniciativas – e orgulho – do Brasil que deve ganhar destaque na conferência é o TFFF (Tropical Forest Forever Facility ou Fundo Florestas Tropicais Para Sempre), que propõe remunerar aqueles que conservam suas florestas tropicais, em vez de pagar aos países para reduzir desmatamento, uma das atividades que mais emitem CO2. O TFFF tem um grande diferencial: a fonte de financiamento. Ele propõe captar US$ 25 bilhões em investimentos de países — não doações — que servirão como garantia para emitir até US$ 100 bilhões em títulos no mercado financeiro. Seria um investimento de baixo risco, mas seguro.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse no início da semana, já presente em Belém, que o financiamento climático precisa deixar de ser baseado em doações e se concentrar em investimentos, como no caso do TFFF. "Estamos querendo sair da era das doações. A doação é muito importante, mas sempre fica muito aquém do que se precisa. Se não nos deram US$ 100 bilhões antes, não vão dar agora US$ 1,3 trilhão", declarou.

O Banco Mundial será o administrador do fundo. "O Brasil tem uma proposta robusta, que o Banco Mundial aceitou ser o operador, que é o TFFF, um Fundo Tropical das Florestas. Isso já ajuda no debate sobre financiamento, porque é recurso privado se somando

RONI ZIADE

O TFFF não se limita ao Brasil; florestas como a do Congo serão beneficiadas

ines249

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Discussões sobre transição envolvem grupos afetados pelas mudanças climáticas, como trabalhadores das áreas de extração de açaí

a recursos públicos", destacou Marina Silva, ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima.

O TFFF tem potencial de proteger até um bilhão de hectares em mais de 70 países tropicais e mobilizar até US$ 125 bilhões por meio do financiamento misto, entre aportes públicos e recursos privados. A projeção é que, quando o fundo atingir esse montante, seja possível gerar um pagamento de US$ 4 por hectare de floresta preservado, aplicados os descontos por desmatamento.

Garo Batmanian, diretor-geral do Serviço Florestal Brasileiro, órgão vinculado ao ministério do Meio Ambiente, responsável por promover o uso sustentável dos recursos florestais, explicou que, embora o Brasil lidere a proposta, o TFFF não é um fundo para a Amazônia ou para o país. "É um fundo para o mundo. Qualquer floresta tropical pode ser beneficiada", disse. Florestas tropicais, vale ressaltar, são consideradas fontes da estabilidade climática, pois retêm carbono e garantem ciclos hídricos.

A proposta, que é um modelo que inova os instrumentos financeiros sustentáveis, nasceu de uma articulação entre nações do Sul Global. O desenho foi construído com 11 nações: Brasil, Colômbia, República Democrática do Congo, Gana, Indonésia e Malásia (países florestais), além de França, Alemanha, Reino Unido, Noruega e Emirados Árabes Unidos (potenciais investidores). A expectativa é anunciar os primeiros países parceiros durante a COP30. O Brasil sinalizou o investimento de US$ 1 bilhão no TFFF.

5. Transição Justa

A chamada Transição Justa engloba todos os debates que estarão à mesa na COP30. O termo resume o objetivo de uma transição para uma economia de baixo carbono, o que significa mudança na matriz energética – ainda que o Brasil esteja prestes a explorar uma nova reserva de petróleo, na Margem Equatorial, na costa do Amapá (foi autorizada recentemente uma perfuração exploratória).

O presidente Lula vem repetindo – a última vez foi durante sua viagem à Indonésia – que essa exploração na Margem Equatorial é o que vai impulsionar a mudança energética que tanto se difunde, com foco na contenção do aquecimento global, que leva às mudanças climáticas. "Queremos usar o dinheiro do petróleo para consolidar a transição energética. A Petrobras vai, aos poucos, deixar de ser só uma empresa de petróleo para ser uma empresa de energia", disse, reproduzindo um discurso também divulgado pela própria estatal petroleira.

Mas a questão vai muito além da mudança da matriz energética para fontes renováveis. O conceito de transição justa engloba um conjunto de processos que deverão ser alinhados e combinados para garantir que a mudança seja sustentável também para o pilar social e econômico.

Entre as ações para esse objetivo está mitigação dos impactos dessa transição para trabalhadores e comunidades dependentes das indústrias que fazem uso intensivo de carbono, o que significa não apenas a petrolífera, mas carvão ou agropecuária. Para isso, será preciso criar mais empregos "verdes" nas novas indústrias consideradas sustentáveis, como energia renovável, manejo florestal e bioeconomia.

Utilizar a transição ecológica é também uma oportunidade para corrigir desigualdades estruturais históricas (regionais, de gênero, de raça), priorizando o desenvolvimento em regiões mais vulneráveis. Assegurar que os grupos afetados pelas mudanças climáticas (trabalhadores, povos indígenas, comunidades locais, mulheres e grupos marginalizados) participem ativamente no planejamento e na tomada de decisões sobre o processo de transição é mais um objeto de atenção.

Todo esse pacote vai depender de uma grande cooperação global por meio de políticas públicas e dinheiro, muito dinheiro. A projeção é que o montante passe dos US$ 1,3 trilhão.

ines249

Líderes à mesa

Na Cúpula do Clima, evento prévio da COP30 com chefes de Estado, governo apresenta oficialmente o fundo de preservação florestal e capta US$ 5,5 bilhões

João Vitor Revedilho

Foram meses de negociações para o governo brasileiro conseguir emplacar sua principal aposta para a COP-30, o Fundo Florestas Tropicais para Sempre, ou TFFF, na sigla em inglês. Na 80ª Assembleia Geral da ONU, em Nova York, em setembro, o presidente Luiz Inácio da Silva antecipou ao mundo a proposta, que nesta quinta-feira, 6, foi oficialmente lançada. Foco do Palácio do Planalto para dar protagonismo ao Brasil nos debates climáticos, o TFFF foi apresentado na Cúpula do Clima, encontro de governantes e chefes de Estado criado em Belém como prévia da abertura da 30ª conferência do clima.

Ao todo, 57 chefes de Estado e de Governo confirmaram presença no evento, além de representantes de mais de 100 países. Com duração de dois dias, a reunião é política e funciona como um evento preparatório de alto nível para as discussões climáticas dos próximos dias e para definir o tom das conversas durante a COP30.

Em Belém, estão os presidentes da França, Emmanuel Macron, e da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, que devem apoiar as declarações do Brasil. Os primeiros-ministros da Alemanha, Friedrich Merz, da Espanha, Pedro Sanchez, e do Reino Unido, Keir Starmer, também marcam presença na COP. Outro que está na capital paraense é o príncipe William. Do lado da América Latina, os presidentes da Colômbia, Gustavo Petro, e do Chile, Gabriel Boric, são destaques.

Na quinta-feira, primeiro dia da Cúpula do Clima, em uma mesa redonda com as principais autoridades mundiais presentes em Belém, Lula tentou vender seu peixe. Reforçou a necessidade de preservação das florestas tropicais e a importância do crédito de carbono. "Suas instâncias decisórias vão corrigir antigas assimetrias e contarão com a presença, em pé de igualdade, de países investidores e de países de florestas tropicais. A participação social e de especialistas agregará valor à avaliação e ao aprimoramento do mecanismo. Todos os anos, o monitoramento por satélite tornará possível identificar se os países estão respeitando a meta de manutenção do desmatamento abaixo de 0,5%", disse o presidente.

Na largada, o TFFF quer angariar US$ 25 bilhões para a preservação de florestas. O Brasil foi o primeiro a colocar US$ 1 bilhão na conta, seguido pela Indonésia. Principal financiadora do Fundo Amazônia, a Noruega colocará US$ 3 bilhões no programa. Já Portugal depositará € 1 milhão, enquanto a França, US$ 500 milhões. Todos os mecanismos financeiros serão hospedados pelo Banco Mundial. Até a tarde de quinta-feira, 53 países assinaram o documento, com US$ 5,5 bilhões angariados. As negociações com os demais países devem avançar até 21 de novembro, último dia da COP30.

Fontes no Itamaraty apostam que o TFFF terá forte adesão dos países, mesmo com a falta de participação de nações importantes como Estados Unidos e China – os respectivos presidentes não estarão em Belém, mas o governo chinês enviou intermediários. O projeto funcionará como um fundo de investimento, em que o país depositará o valor e receberá os lucros, repassando US$ 4 por hectare aos países selecionados para a preservação florestal. A princípio, o Brasil quer que a adesão de países incentive empresas privadas a investirem no fundo. Interlocutores dos Ministérios da Fazenda e de Relações Exteriores afirmam que uma parcela do mercado financeiro já demonstrou interesse em investir no programa.

O TFFF é apenas uma das várias missões que o governo brasileiro tenta emplacar na COP. Apenas na cúpula de líderes, o Planalto deve juntar assinaturas para sete outras declarações que tratam desde a fome e pobreza até o compromisso para uso de combustíveis sustentáveis. O Brasil também deverá negociar a adaptação climática das metas do Acordo de Paris, além de intensificar um acordo para aumentar o financiamento do fundo climático para US$ 1,3 trilhão por ano.

A cúpula reúne 57 chefes de Estado, como Macron, presidente da França, ao centro

LUDOVIC MARIN/AFP

ines249

Um ponto defendido por Haddad é integrar a pauta climática à governança econômica global

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

Um desafio de US$ 1,3 trilhão

Governo brasileiro investe em três frentes para destravar o financiamento para o clima

Ana Carolina Nunes

Na COP que tem entre os temas centrais o financiamento das soluções e das ações de mitigação e adaptação climática, o Ministério da Fazenda tem parte essencial na mesa de debates e negociações. Estudos demonstram que é necessário um montante de cerca de US$ 1,3 trilhão por ano para suprir os custos das estratégias de enfrentamento da crise climática. Até o fechamento desta edição, a pasta ainda não havia divulgado a agenda completa de participação do ministro Fernando Haddad no evento – ele esteve na Cúpula de Líderes, encontro nesta quinta-feira, 6, que antecede a abertura da COP30. Mas a expectativa é que ministério se debruce sobre instrumentos financeiros que viabilizem a transição justa para uma economia de baixo carbono, combinados aos investimentos privados.

A questão do financiamento foi o centro da COP29, realizada no ano passado em Baku, no Azerbaijão, porém com poucos avanços. Por ser também o ponto mais espinhoso do debate, ele segue na mesa neste ano.

"A COP movimenta discussões não apenas durante sua realização, mas muito antes de acontecer e segue movimentando depois dela", aponta a professora e pesquisadora Annelise Vendramini, da Escola de Administração de Empresas da FGV em São Paulo. "O setor privado, em geral, entende a questão climática como um risco importante. E entende que o universo da economia e finanças têm de conversar com o da ciência, dos negócios e da política".

De acordo com Annelise, esta COP será para alinhar todas as pontas. "Está muito nessa fase do como é que a gente faz, como que implementa, como que viabiliza. Já sabemos o que está acontecendo, entendemos que é necessária a ação e agora a questão é: como que viabiliza isso", completa.

Durante a Reunião Ministerial Preparatória para o evento, em meados de outubro, Haddad apontou que a agenda proposta pela Fazenda se baseia em três principais frentes: a integração da pauta climática à governança econômica global, a convergência entre as agendas internacional e doméstica – que incorpora instrumentos como o Mercado de Carbono e os Títulos Soberanos Sustentáveis – e o compromisso de transformar debates conceituais em políticas públicas concretas.

Nesse contexto, disse Haddad, terão destaque as iniciativas que não dependem de consenso multilateral para avançar, podendo ser implementadas em cooperação com países e atores já engajados na transformação ecológica, que seriam o Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF), que propõe um novo modelo de financiamento baseado em investimento e não apenas em doações, e a Coalizão Internacional dos Mercados de Carbono, que busca integrar mercados regulados pelo mundo.

O secretário-executivo da Fazenda, Dario Durigan, disse em evento no final do mês passado que a estratégia do governo passa também pela união de reindustrialização e proteção ambiental. "A resposta para os problemas climáticos pode ser o motor para um novo desenvolvimento do país. Além disso, o diagnóstico que guia as prioridades do Brasil é distinto do observado no Norte Global, onde o debate se concentra na transição da matriz energética. No Brasil, reduzir o desmatamento é o eixo que mais impacta as emissões, sem prejuízo da modernização energética e da competitividade industrial".

ANDERSON COELHO/REUTERS

ines249

FOTOS ANDRESSA ANHOLETE/SENADO FEDERAL DO BRASIL

Lula referiu-se à megaoperação como "desastrosa"; Contarato foi eleito presidente da CPI, com voto de minerva de Alessandro Vieira

Segurança pública na mira

Senado instala CPI do Crime Organizado; declaração de Lula sobre megaoperação no Rio como "matança" abala estratégia do governo de liderar discussões sobre o tema

João Vitor Revedilho, de Brasília

No momento em que o Senado abria a sessão que criaria a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Crime Organizado, na terça-feira, 4, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) dava uma coletiva de imprensa para agências internacionais em Belém (PA) para promover a COP-30, conferência do clima que começa nesta segunda-feira, 10. Durante a conversa, ele opinou sobre a megaoperação da Polícia do Rio de Janeiro contra o Comando Vermelho que deixou 121 mortos nos Complexos do Alemão e da Penha na semana passada. A fala foi interpretada por alguns aliados como derrapada. Isso porque o presidente a classificou de "matança" e defendeu uma investigação da Polícia Federal para apurar a ação, que considerou "desastrosa".

"Nós estamos tentando essa investigação. Nós inclusive estamos tentando ver se é possível os legistas da Polícia Federal participarem do processo de investigação da morte, como é que foi feito. Vamos ver se a gente consegue fazer essa investigação, porque a decisão do juiz era uma ordem de prisão, não tinha uma ordem de matança. [...] Do ponto de vista da ação do Estado, eu acho que ela foi desastrosa", declarou o presidente.

A cerca de dois mil quilômetros dali, em Brasília, o governo tentava emplacar a presidência da CPI do Crime Organizado, travando uma batalha contra a oposição. Com cinco votos de cada lado, restou ao relator do colegiado, senador Alessandro Vieira (MDB-SE), de posição independente entre as duas alas, dar o voto de minerva. Optou por dar a vitória ao Palácio do Planalto e eleger Fabiano Contarato (PT-ES) para comandar os trabalhos da comissão.

Ao saírem da comissão, a comemoração dos petistas deu lugar à preocupação. A fala de Lula não repercutiu bem nos bastidores e minguou parte da base governista, que tenta pavimentar o protagonismo nos debates. Para a IstoÉ, um senador influente da base governista classificou a fala do presidente da República como "erro crasso" e disse que o Planalto terá de batalhar para se reposicionar para ganhar corpo em cima do tema.

A entrada de Contarato na presidência do colegiado vem em um momento em que o governo tenta se reorganizar para entrar de cabeça na pauta da segurança pública. Atualmente, a direita tem mais consistência sobre o tema. Ao perceber a movimentação do Planalto, senadores da oposição tentaram emplacar Hamilton Mourão (Republicanos-RS) para liderar a comissão. Sem sucesso. Mourão assumiu a vice-presidência e deve ter uma função figurativa nesta primeira fase.

A CPI deve dar o tom do que serão as eleições de 2026. Uma das principais preocupações da população, a segurança pública moldará os debates no próximo ano, podendo contaminar os trabalhos da comissão. Contarato afirma que não dará espaços para a politização do colegiado. "Tanto eu quanto o senador Alessandro temos perfil técnico, vindo da segurança pública. Queremos resolutividade e prestação de serviço para garantir a pacificação social. A segurança pública é um direito de todos e deve ser uma pauta de Estado, não ideológica ou partidária. Na presidência desta comissão, vou trabalhar para manter esse foco".

A CPI foi criada em resposta à operação contra o Comando Vermelho e à ação contra o Primeiro Comando da Capital (PCC), em agosto, em São Paulo. O colegiado quer apurar o avanço das organizações criminosas no país, além do financiamento e da participação de criminosos no setor público. Os trabalhos devem durar 120 dias e não devem ser prorrogados.

ines249

Augusto Brito, com seu kit médico para diabetes, se sente mais confiante para o Enem

ACERVO PESSOAL

Da expulsão à inclusão

Enem 2025 começa neste domingo e libera dispositivos eletrônicos médicos durante as provas; organização corrige falha que levou à exclusão de aluno diabético no ano passado

Júlia Bleichevel

Diagnosticado com diabetes do tipo 1 aos nove anos, o estudante Augusto Brito, de Salto do Jacuí (RS), prestou o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) em 2024 como treineiro, ainda cursando o segundo ano do ensino médio. Não chegou a terminar o exame porque foi retirado da sala após o alarme que controla seu sensor de glicemia disparar. Desta vez, poderá fazer as provas sem sustos: o aparelho foi incluído nos itens permitidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que responde pelo Enem. Neste domingo, 09, começam as primeiras provas (as demais serão aplicadas no dia 16).

A decisão de incluir dispositivos para controle da diabetes, entre outros equipamentos médicos, foi recebida com alívio por famílias e entidades de saúde, que vinham pressionando o órgão por mais inclusão. Além de Augusto, outros 3.211 candidatos com diabetes solicitaram atendimento especializado, sendo que 2.518 também indicaram a necessidade do uso do aparelho para aferir a glicemia. "Foi um grande avanço. E tomara que isso se estenda para outros concursos", comemorou o pai de Augusto, Rudnei Noro, em entrevista para IstoÉ.

O estudante conta que, no ano passado, durante a aplicação da prova, sua glicose atingiu uma taxa considerada alta, 180, o que fez o sensor disparar. "Eu saí sem entender o que estava acontecendo. Tentei explicar, mas ninguém quis me ouvir", lembra o jovem.

Segundo Augusto, no campo de inscrição para a prova em 2024 não havia um espaço específico para informar que é diabético. Com isso, ele não pode solicitar, por exemplo, uma hora a mais de prova ou a reserva de uma sala individual. Neste ano, isso pode ser feito.

O caso ganhou repercussão nacional e expôs uma lacuna nas regras do Enem, que, de modo geral, não permite dispositivos eletrônicos nas salas, como celulares, o que se justifica para evitar fraudes. O quadro de Augusto não pode ser controlado apenas com medicação antes da prova — o monitoramento é constante, especialmente em situações de estresse prolongado, como a realização de um exame de longa duração. O nervosismo interfere diretamente na glicemia.

Hoje, Augusto está mais confiante quanto ao exame. Ele vê na nova norma uma forma de reparação. "Fiquei extremamente feliz que a gente conquistou esse direito de usar os aparelhos de glicose sem nenhuma restrição, embora muitos diabéticos no Brasil tenham tido esse recurso negado", diz.

A endocrinologista Solange Travassos, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), explica que tanto a hipoglicemia (queda brusca da glicose) quanto a hiperglicemia (aumento dos níveis de açúcar) prejudicam o raciocínio e o desempenho cognitivo. "Quando a glicose está abaixo de 70 ou acima de 250, o cérebro não funciona bem. O aluno perde foco, pode desmaiar ou ter confusão mental".

De acordo com a endocrinologista, o caso de Augusto ilustra o impacto de regras pouco sensíveis às necessidades médicas. "Diabetes do tipo 1 é uma doença autoimune que surge, em geral, na infância. Ela não tem relação com o estilo de vida e exige acompanhamento permanente. Sem monitorar a glicose, o paciente corre risco real de vida", esclarece. Estima-se que mais de 600 mil brasileiros vivam com o tipo 1 da doença.

O Inep informou, por comunicado, que o atendimento especializado para diabetes está garantido entre os recursos de acessibilidade do Enem 2025. Os participantes poderão usar aparelho para medir glicemia, desde que o equipamento passe por vistoria dos coordenadores no local de prova. Também estão liberados, mediante essa vistoria, aparelhos como bombas de infusão e de insulina, aparelhos auditivos, apoio ergonômico, óculos especiais e lupa.

ines249

O presente do Congresso a Lula

Governo consegue rara unanimidade no Senado com proposta que tributa super-ricos e isenta IR para quem ganha até R$ 5 mil, pavimentando a campanha de 2026

João Vitor Revedilho, de Brasília

Pouco depois das 17h da quarta-feira, 5, a ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, chegou ao plenário do Senado. Sentou-se em lugar privilegiado, na mesa diretora, próxima do presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), separada apenas pelo secretário-geral da Mesa, Danilo Aguiar. Foi dali, de camarote, que a ministra assistiu à maior vitória do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) até aqui.

A aprovação da reforma do Imposto de Renda, com isenção para quem ganha até R$ 5 mil, era o que faltava para que o governo fechasse o ano com chave de ouro. O roteiro foi idêntico ao que ocorreu na Câmara dos Deputados, há cerca de um mês. Gleisi no plenário, apoio maciço e aprovação unânime, com o aval da oposição, incluindo nomes como Flávio Bolsonaro (PL-RJ), Sérgio Moro (União Brasil-PR) e demais integrantes da ala ideológica. Outro que acompanhou de perto a vitória foi o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, representando o chefe da pasta, Fernando Haddad.

Com a aprovação, o Congresso Nacional dá um presente de aniversário para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que comemorou 80 anos no dia 27 de outubro. A proposta é a principal bandeira do petista para embalar sua campanha à reeleição em 2026. Nesse sentido, o governo acertou na medida. Colocou uma pauta populista para pressionar o voto da oposição, e conseguiu.

Na saída do plenário, governistas comemoravam, enquanto a oposição permanecia mais calada. Após proclamar o resultado, Alcolumbre fez um pronunciamento, aos gritos, encerrando a sessão com um tapa na mesa, expressando felicidade. Gleisi estava mais contida, mas não escondia o sorriso. De Belém, onde estava em função da agenda da COP30, Lula celebrou a vitória.

"Demos um passo decisivo para um país mais justo, com um sistema tributário que torna a contribuição mais equilibrada e reconhece o esforço de todos que ajudam a construir o Brasil. Quem ganha muito vai contribuir com a sua justa parte. O nome disso é justiça tributária", disse nas redes sociais. Lula deve sancionar o projeto depois da segunda-feira, 10, quando retorna para Brasília após uma semana na capital paraense.

Além da isenção do imposto para quem ganha até R$ 5 mil a partir do ano-calendário 2026, a reforma cria alíquotas progressivas de cobrança para quem recebe até R$ 7.350 por mês. O texto tributa super-ricos em 10% para aqueles que faturam até R$ 1,2 milhão por ano, com alíquotas progressivas para os que arrecadam a partir de R$ 600 mil anuais.

Relatado pelo senador Renan Calheiros (MDB-AL), o projeto não teve alterações em relação ao aprovado na Câmara. Calheiros chegou a prometer mudanças no texto, para fazer frente ao deputado federal Arthur Lira (Progressistas-AL), seu arquirrival em Alagoas. O ex-presidente do Senado queria antagonizar seu adversário na disputa pelo protagonismo do projeto. Ele recuou das mudanças para evitar uma revisão da Câmara.

Para manter o texto intacto, Renan prometeu pautar outro projeto na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado. A proposta prevê o aumento de tributação sobre bets e fintechs, nos mesmos moldes dos desejos da Fazenda, entre eles o ajuste da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) paga por bancos. Gleisi já se comprometeu com o apoio do texto de Calheiros, mas disse que o governo manterá a análise de um projeto paralelo para seguir junto ao do senador para agilizar a tramitação na Câmara dos Deputados.

Alcolumbre recebe cumprimentos de Gleisi, sob olhar de Aguiar, secretário-geral da Mesa do Senado

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

ines249

Streaming sob novas regras

PL aprovado na Câmara dos Deputados cria taxação progressiva e cota mínima de conteúdo nacional, em passo decisivo para fortalecer o mercado audiovisual brasileiro

PL estabelece que plataformas como Netflix, Prime Video e YouTube devem contribuir com uma taxa entre 0,1% e 4% da receita bruta anual

PEXELS

Após anos de debate, a Câmara dos Deputados aprovou nesta semana o Projeto de Lei (PL) 8889/17, conhecido como PL do Streaming, que regulamenta a tributação e as cotas de conteúdo nacional nas plataformas digitais de vídeo sob demanda. O texto, agora em análise no Senado, representa um marco para o audiovisual brasileiro ao inserir o setor de streaming no sistema de regulação e fomento já aplicado às demais áreas da indústria cultural.

O projeto estabelece que plataformas como Netflix, Amazon Prime Video, Globoplay, Disney+ e serviços de compartilhamento como YouTube passarão a contribuir com uma taxa variável entre 0,1% e 4% da receita bruta anual, de forma progressiva, conforme o faturamento. Empresas de pequeno porte, com receita de até R$ 4,8 milhões, ficam isentas, enquanto aquelas com faturamento superior a R$ 350 milhões se enquadram na alíquota máxima.

A cobrança segue o modelo da Condecine (Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional), já aplicada a salas de cinema, emissoras de TV e operadoras de vídeo por assinatura. A medida busca corrigir um desequilíbrio histórico: enquanto o streaming se consolidou como principal meio de exibição e consumo de conteúdo, suas contribuições ao setor eram praticamente nulas.

Pelo texto aprovado, as plataformas poderão abater até 60% da tributação anual caso invistam diretamente em produções brasileiras. Se mais da metade do catálogo for composta por obras nacionais, o desconto poderá chegar a 75%, incentivando coproduções locais e parcerias com produtoras registradas na Ancine. Além disso, 30% dos valores recolhidos deverão ser destinados a produtoras das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, descentralizando os investimentos.

Outra frente importante do projeto é a cota de tela digital, que obriga os catálogos de streaming a incluírem gradualmente 10% de conteúdo brasileiro. A regra começa com 2% um ano após a sanção da lei e sobe até atingir 10% no sétimo ano. Metade desse percentual deverá ser composta por produções independentes brasileiras, com diretores e técnicos contratados localmente e direitos patrimoniais nacionais. Plataformas com mais de 700 obras brasileiras no catálogo, sendo metade independentes, estarão dispensadas da exigência percentual.

As regras também preveem mecanismos para garantir visibilidade às produções nacionais, como destaque em recomendações, materiais de comunicação pública e acesso democrático a trabalhos regionais. Esses detalhes serão definidos em regulamento pela Ancine.

O PL prevê multas de até R$ 50 milhões para infrações e isenta serviços que não se enquadrem como atividade econômica de vídeo sob demanda, como transmissões esportivas, conteúdos jornalísticos, educacionais ou religiosos.

A tramitação foi acompanhada de perto por entidades do setor. A Strima, associação que representa as grandes plataformas, criticou o texto por "aumentar cotas obrigatórias sem considerar a capacidade produtiva do país". Já cineastas, roteiristas e outros profissionais do setor audiovisual realizaram manifestações em diversas capitais pedindo ajustes e alertando para o risco de concentração dos investimentos. Em contrapartida, 96 produtoras brasileiras, entre elas O2, Paranoid, CineFilmes e Paris Produções, manifestaram apoio ao projeto, defendendo-o como "um avanço pragmático" e um passo necessário para reequilibrar o mercado.

ines249

MIKE SEGAR

Mamdani defende transporte público gratuito, congelamento de aluguéis e políticas de proteção às comunidades LGBTQIAP+ e de imigrantes

Um socialista em Nova York

Vitória do muçulmano Zohran Mamdani, dos Democratas, novo prefeito da cidade, indica mudança na preferência do eleitorado e racha no partido

Luma Venâncio

Os eleitores de Nova York, nos Estados Unidos, foram às urnas na terça-feira, 4, para decidir o novo prefeito da cidade. E eles confirmaram o que pesquisas vinham sinalizando: a vitória do socialista Zohran Mamdani, do Partido Democrata. Desde que venceu nas prévias da legenda, ele esteve cotado como favorito ao posto. E, assim, Mamdani se tornou o primeiro indiano-americano e o primeiro muçulmano a comandar a "big apple".

Com o resultado das primárias, o presidente Donald Trump já tinha se manifestado a respeito do candidato, dizendo que não deixaria "um lunático comunista" destruir Nova York. Mas os eleitores escolheram exatamente quem ele criticava. Especialistas encaram a disputa em Nova York como um "teste de narrativas" em dois níveis. Primeiro, um termômetro para as eleições de meio de mandato, que definirão os novos integrantes da Câmara e do Senado norte-americanos.

Os nova-iorquinos sempre foram decisivos na luta pelas cadeiras no Congresso, hoje majoritariamente republicano. Uma sinalização mais progressista no âmbito da prefeitura pode indicar como será a preferência da população nas próximas votações.

Além disso, o resultado em Nova York desenha o futuro interno dos partidos, especialmente o Democrata. Com uma mudança de perfil nos últimos anos, as legendas têm notado perda de confiança em figuras "moderadas" e ascensão de personalidades mais extremas. A eleição de um candidato considerado radical para os padrões norte-americanos pode delinear a estratégia dos Democratas nas próximas disputas, considerando que concessões feitas aos conservadores não renderam sucesso eleitoral ao campo progressista.

Mas quem é Zohran Mamdani? De pai indiano e mãe indo-americana (a cineasta Mira Nair, diretora de "Casamento à Indiana"), carrega no nome do meio uma homenagem ao primeiro presidente de Gana. O político tem 34 anos e nasceu em Uganda. Ele faz parte dos Socialistas Democráticos da América (DSA, na sigla em inglês). Trata-se de uma organização independente, mas cujos integrantes geralmente disputam eleições como democratas progressistas, formando uma ala ideológica à esquerda do Partido Democrata.

Entre as promessas de Mamdani estão transporte público gratuito, congelamento de aluguéis, creches universais e supermercados subsidiados. Ele também enfatiza políticas de proteção às comunidades LGBTQIAP+ e de imigrantes.

A eleição de Mamdani indica fissuras no Partido Democrata. A ala moderada teria, entre seus temores, que o novo prefeito seja usado como "bicho-papão comunista" pela oposição. O racha ficou evidente na disputa entre Mamdani e Andrew Cuomo, também democrata. No dia da votação, Trump declarou apoio a Cuomo, pedindo que seus eleitores não votassem no candidato republicano, para barrar Mamdani.

A corrida entre os dois revelou um conflito pela direção futura do partido — entre moderação e progressismo. O pesquisador de Harvard e professor de relações internacionais da UFF, Vitelio Brustolin, explica que Mamdani, alinhado a figuras como Bernie Sanders, defende um partido mais combativo, voltado à redistribuição de renda, taxação de grandes fortunas e ativismo climático. Cuomo, ex-governador de Nova York, representa o campo centrista, apostando na moderação, segurança pública e estabilidade fiscal. E

ines249

Horror no Sudão

Ataque de drone mata 40 pessoas em funeral e mostra a escalada de violência no Sudão, que sofre com guerra civil e colapso humanitário

Um novo massacre marcou a escalada da guerra civil no Sudão. Pelo menos 40 pessoas morreram em um ataque de drone na quarta-feira, 5, contra um funeral na cidade de El-Obeid, segundo o escritório das Nações Unidas para Coordenação de Assuntos Humanitários. A tragédia ocorre dias após a tomada de El-Fasher, último bastião do exército regular na região de Darfur, pelas Forças de Apoio Rápido (RSF, na sigla em inglês), grupo paramilitar acusado de cometer atrocidades e responsável pela expansão do conflito para o centro do país.

As RSF vêm travando uma guerra sangrenta contra as Forças Armadas do Sudão (SAF) desde abril de 2023. O confronto opõe os dois homens mais poderosos do país: o general Abdel Fattah al-Burhan, comandante do exército e governante de fato desde o golpe de 2021, e o general Mohamed Hamdan Dagalo, conhecido como "Hemedti", líder das Forças de Apoio Rápido.

A disputa começou quando Dagalo se recusou a integrar sua milícia ao Exército, como previa um acordo de unificação das forças de segurança. O conflito rapidamente se espalhou, devastando a capital Cartum e transformando vastas áreas do país em campos de batalha. Segundo a ONU, já são cerca de 150 mil mortos e 13 milhões de deslocados, o que faz da crise sudanesa a pior catástrofe humanitária do mundo na atualidade.

Em El-Fasher, imagens de satélite revelaram valas comuns, execuções e destruição de hospitais, incluindo uma maternidade onde mais de 460 pacientes e profissionais de saúde morreram, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Após conquistar a cidade, as RSF teriam promovido assassinatos em massa e estupros coletivos, de acordo com relatos de sobreviventes. As forças paramilitares agora avançam sobre Kordofan, região rica em petróleo, ampliando o conflito e o deslocamento em massa da população civil.

A cidade de El-Obeid, capital de Kordofan do Norte, tornou-se o novo foco da ofensiva. O local é estratégico: liga Darfur à capital Cartum e abriga um dos principais aeroportos do país. Nos últimos dias, os confrontos se intensificaram, e moradores relataram bombardeios, colunas de veículos militares e bloqueio total de rotas de fuga.

A ONU denunciou "graves violações de direitos humanos" e represálias étnicas cometidas pelas RSF em áreas recentemente ocupadas. Organizações humanitárias alertam que o acesso às cidades sitiadas continua bloqueado, impedindo a chegada de ajuda e agravando a fome e a propagação de doenças.

Embora os Estados Unidos tenham apresentado uma proposta de cessar-fogo, mediada pela diplomacia do presidente Donald Trump, o plano permanece sem detalhes públicos e, até agora, sem resultados. "A situação está extremamente complicada", reconheceu a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, ao comentar a ofensiva.

Enquanto isso, a guerra no Sudão se aproxima de seu terceiro ano. O país, dividido entre o norte controlado pelo Exército e o sul e oeste sob domínio das milícias, vive à beira do colapso — e as recentes imagens de El-Obeid e El-Fasher são o retrato mais brutal de uma nação devastada pela violência e pela indiferença internacional.

ONU denunciou "graves violações de direitos humanos" e represálias étnicas cometidas pelas RSF (Forças de Apoio Rápido)

MOHAMED JAMAL/REUTERS

ines249

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

México

Presidente denuncia assédio em ato público

A presidente do México Claudia Sheinbaum foi vítima de assédio sexual na terça-feira, 4, enquanto cumprimentava apoiadores no centro histórico da Cidade do México. Um homem se aproximou, beijou seu pescoço e tocou sua cintura e seu seio antes de ser afastado pela segurança. No dia seguinte, Claudia afirmou ter registrado denúncia formal e fez um discurso pela defesa das mexicanas. O agressor foi preso após voltar a assediar outras mulheres no mesmo local. O caso gerou ampla comoção e repúdio no país.

República Dominicana

Cúpula das Américas é adiada

A República Dominicana anunciou na segunda-feira, 3, o adiamento da Cúpula das Américas, prevista para dezembro, após "análise cuidadosa da situação da região". A decisão ocorre em meio à crescente tensão no Caribe, onde ataques norte-americanos contra embarcações, que o governo Trump acusa de estarem ligadas ao tráfico, deixaram 65 mortos. Os EUA apoiaram o adiamento, e o evento será remarcado para 2026 Além disso, a região se recupera dos efeitos do furacão Melissa, que causou 70 mortes na Jamaica e no Haiti.

Argentina

Milei libera compra de fuzis

O governo de Javier Milei publicou nesta quarta-feira, 5, uma resolução que autoriza, sob condições rigorosas, a compra e posse de fuzis semiautomáticos por civis e clubes de tiro. O sistema será controlado pelo Registro Nacional de Armas (Renar). A medida exige declaração juramentada, comprovação de experiência e histórico limpo. Juan Pablo Allan, chefe da agência reguladora, defendeu o modelo como "vital para a segurança nacional", mas críticos alertam para o risco de ampliar o acesso a armas e a violência.

ines249

França

Senha “Louvre” reforça imagem de fragilidade na segurança do museu

Auditorias mostraram que o Louvre usava a senha “Louvre” em sistemas de segurança digital e ainda operava com Windows XP e 2000. Relatórios desde 2014 alertavam para falhas graves, softwares desatualizados e falta de manutenção, ignoradas pela direção. Após o roubo de joias da realeza europeia, avaliadas em US$ 102 milhões, no mês passado, quatro pessoas foram presas, e a ministra da Cultura, Rachida Dati, admitiu que o museu falhou em proteger seu acervo, expondo ao mundo um descaso estrutural, que virou motivo de memes.

Coreia do Norte

Foguetes são lançados antes de visita de secretário de defesa dos EUA à Coreia do Sul

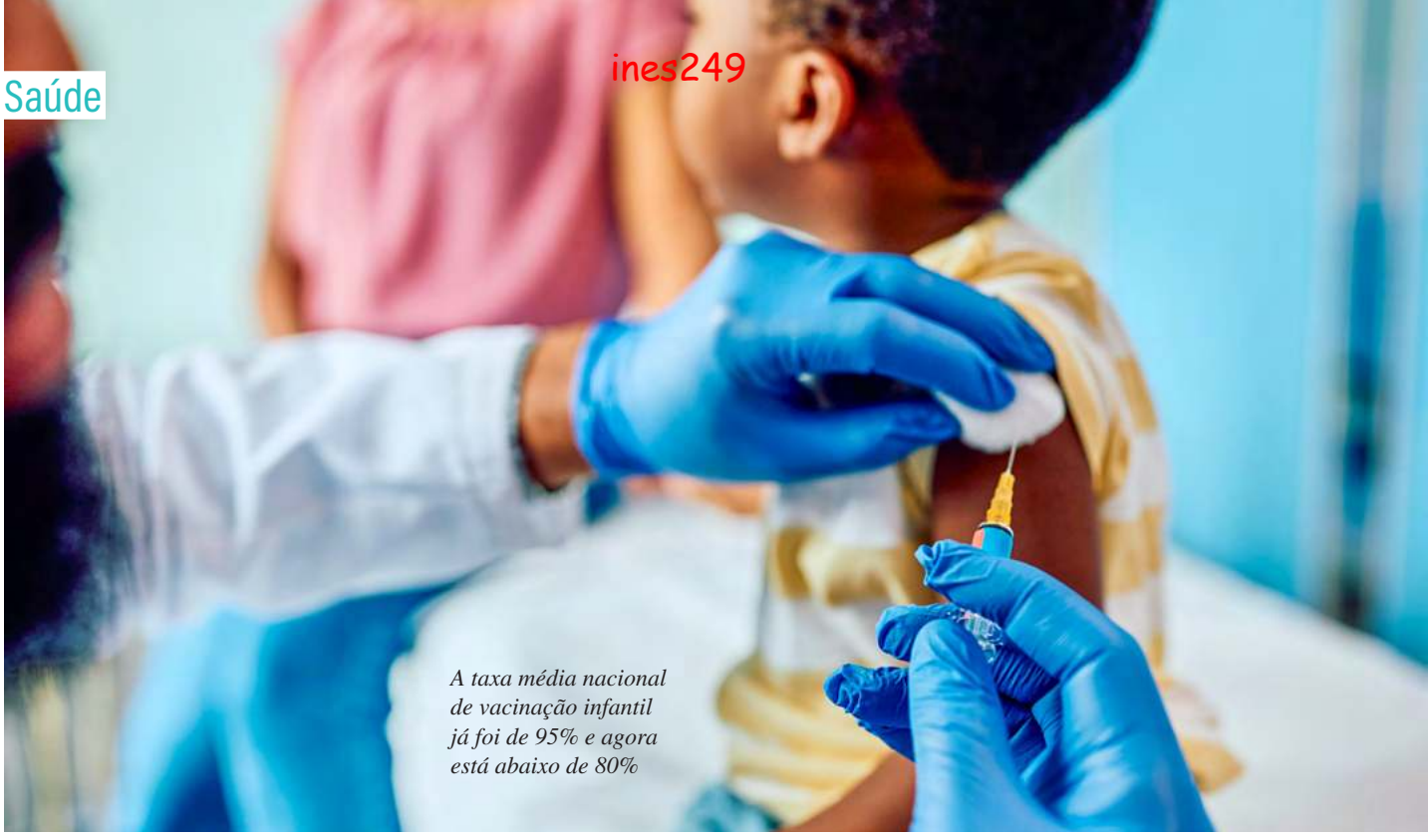
A Coreia do Norte disparou quase dez foguetes de artilharia horas antes da chegada do secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth, à fronteira com a Coreia do Sul, na segunda-feira, 3. Segundo o ministério da Defesa, em Seul, projéteis foram lançados em direção ao Mar Amarelo, em duas ondas, a primeira no sábado e outra pouco antes da visita oficial que reforçou termos de cooperação entre os países. O episódio é visto como provocação, repetindo manobras da semana anterior, quando a Coreia do Norte fez disparos similares antes de um encontro entre Coreia do Sul e China.

Filipinas

Tufão deixa 140 mortos

Um tufão, Kalmaegi, está se deslocando pela Ásia, nesta semana. Ele devastou o centro das Filipinas, provocando inundações sem precedentes e deixando 140 mortos e 127 desaparecidos. A província de Cebu foi a mais atingida, com casas destruídas, carros arrastados e dezenas de vítimas soterradas. Após cruzar o país, o fenômeno ganhou força no mar e seguiu em direção ao Vietnã. Cientistas atribuem a intensificação dos tufões ao aquecimento global e ao aumento da umidade atmosférica.

ines249



DRAZEN_ZIGIC/FREEPICK

A taxa média nacional de vacinação infantil já foi de 95% e agora está abaixo de 80%

Elas voltaram

Queda nas taxas de vacinação ameaça proteção da população contra doenças que já tinham sido vencidas, como sarampo e poliomielite

Vanessa Lima

O Brasil já foi referência mundial em vacinação. O Programa Nacional de Imunização (PNI), do Ministério da Saúde, chegou a ser considerado modelo pela Organização Mundial de Saúde (OMS), atingindo coberturas vacinais acima da taxa ideal, de 95%, para quase todas as vacinas infantis – algo que muitos países desenvolvidos não conseguem realizar. Mas, infelizmente, esta realidade mudou para pior nos últimos anos. Após décadas de sucesso nas campanhas, o país voltou a enfrentar o risco de reintrodução de doenças que já estavam erradicadas ou controladas.

A cobertura vacinal tem caído e preocupado especialistas. Em 2023, a taxa média nacional de vacinação infantil ficou abaixo de 80%, de acordo com dados do Ministério da Saúde – bem longe dos 95%, número que antes costumava ser atingido e superado. A imunização contra a poliomielite atingiu 77%, enquanto a tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) ficou em 84%, distante do patamar seguro.

A tendência, contudo, não é exclusividade do Brasil. Segundo a OMS, as notificações de casos de sarampo cresceram 79% no mundo, entre 2022 e 2024. Além disso, o número de mortes causadas pela doença dobrou. O vírus havia sido eliminado na América em 2016, mas milhares de casos voltaram a ser registrados nos Estados Unidos, Canadá, México e Argentina, reacendendo o alerta.

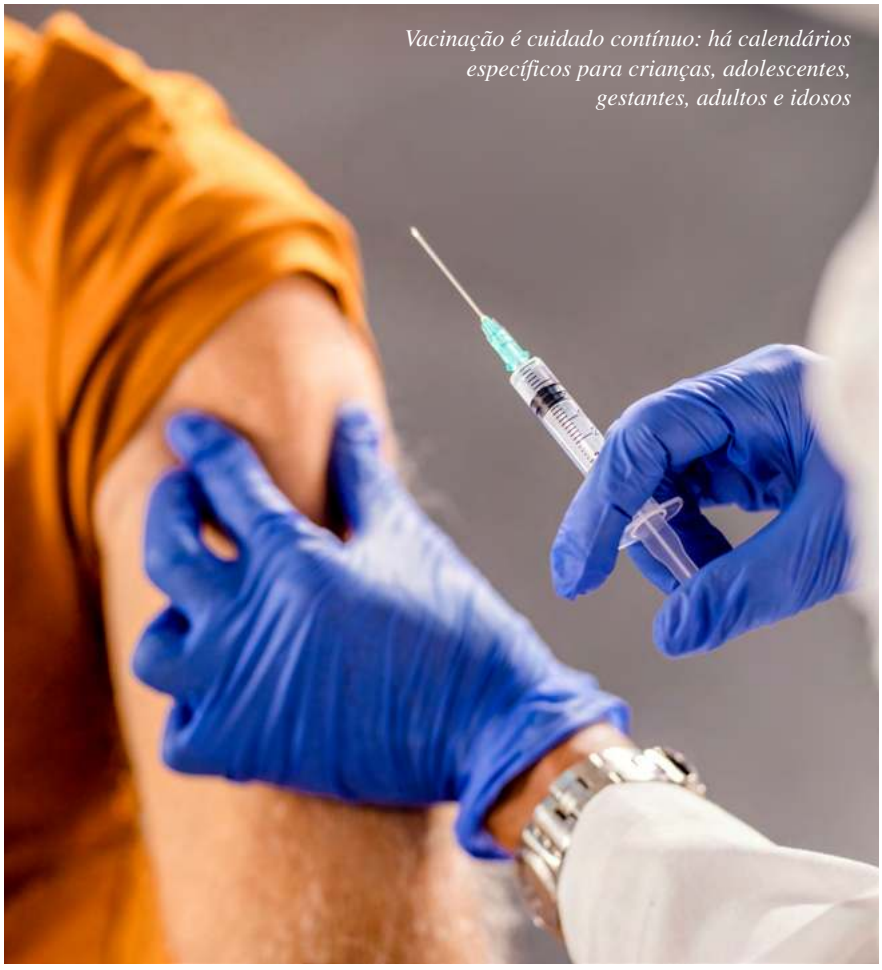
O pediatra e infectologista Renato Kfouri, presidente do Departamento de Imunizações da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e presidente da Câmara Técnica de Eliminação do Sarampo do Ministério da Saúde, ressalta a diferença entre erradicação, eliminação e controle. "A única doença que foi erradicada, na verdade, é a varíola", aponta. "Outras foram eliminadas, ou seja, não há mais circulação dos vírus, mas eles não desapareceram do planeta", explica. Nas Américas, isso acontece com doenças como poliomielite, sarampo, rubéola, tétano neonatal e rubéola congênita.

"A poliomielite, por exemplo, hoje, está restrita a dois países: Afeganistão e Paquistão", afirma. "Mas existe a pólio derivada do vírus da vacina oral, que é aquela da gotinha. Em algumas situações, o vírus pode sofrer reversão de virulência e voltar a causar a doença em quem não está vacinado. Hoje, temos mais casos de pólio vacinal do que de pólio selvagem", afirma Kfouri.

Em 2024, o Brasil suspendeu o uso da vacina oral contra a pólio, substituindo-a por versões injetáveis, seguindo orientação da OMS. "É a recomendação mundial para parar de jogar o vírus vivo no ambiente", reforça o médico.

Entre todas as doenças já eliminadas, o sarampo é a que mais preocupa

ines249



Vacinação é cuidado contínuo: há calendários específicos para crianças, adolescentes, gestantes, adultos e idosos

DRAZEN_ZIGIC/FREEPICK

especialistas. Extremamente contagioso, já que uma única pessoa infectada pode transmitir o vírus para até 18 outras, ele costuma ser o primeiro a reaparecer quando há queda na cobertura vacinal.

A pediatra Mônica Levi, diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm), reforça que, para manter o vírus eliminado, é necessário ter uma alta cobertura vacinal. "Hoje, nossa maior ameaça é o retorno da circulação do vírus do sarampo no país", alerta. "A vacinação exige metas altas de cobertura, não só nas crianças. É importante vacinar também os adultos, porque eles podem adoecer e manter o circuito de transmissão", reforça.

Ela afirma que, há alguns anos, o Brasil já teve surtos recentes provocados por casos importados, quando viajantes trazem o vírus de outros países. "A imunidade de rebanho é fundamental. A proteção coletiva só é alcançada quando quase toda a população está imunizada, e estamos longe disso", diz.

Embora o Brasil tenha recuperado, em novembro de 2023, o certificado de eliminação do sarampo, perdido em 2018, os especialistas recomendam cautela. "Justo quando conseguimos a recertificação, as Américas começaram a viver grandes surtos. México, Canadá e Estados Unidos se tornaram epicentros, com dezenas de mortes. É natural que pessoas com sarampo entrem no Brasil. O que precisamos fazer é monitorar, isolar casos suspeitos, vacinar contatos e manter a cobertura alta para impedir que o vírus volte a circular", destaca Kfouri.

Desigualdade e desinformação

Para a médica Isabella Ballalai, vice-presidente da SBIm, a desinformação e a falsa sensação de segurança são os maiores inimigos da prevenção. É um paradoxo, mas a própria eficiência das vacinas gera hesitação em parte da população. "Ninguém mais vê casos graves de sarampo e isso dá a impressão de que a doença não existe. Mas ela está ali, circulando em outros países e esperando brechas para voltar", observa. "Quando a cobertura cai, o vírus encontra caminho livre".

O Brasil é um país de contrastes, e isso também se reflete nas campanhas de vacinação. "Melhorar as coberturas vacinais é desafiador em um país com realidades tão distintas", diz Kfouri. "O que faz uma família não se vacinar em São Paulo não é o mesmo motivo que impede uma no interior do Pará ou na fronteira com a Venezuela. Há problemas de acesso, horários de postos, falta de abastecimento e, claro, desinformação", acrescenta.

Isabella destaca que ainda existem no Brasil grupos de pessoas não vacinadas, principalmente em comunidades urbanas com baixa adesão à imunização ou em áreas de difícil acesso. "Temos regiões com coberturas abaixo de 70%. Isso é um prato cheio para a volta de doenças que já estavam controladas", ressalta.

Além do sarampo, doenças como difteria, tétano e coqueluche continuam circulando em alguns lugares do mundo. "Estamos vendo surtos de coqueluche nos países vizinhos e até na Europa. A vacinação é importante não só pela proteção individual, mas para evitar a transmissão a bebês ainda não vacinados", exemplifica Mônica.

Para Kfouri, a vigilância epidemiológica é um dos pilares para a solução do problema. "Toda criança com paralisia flácida (perda do tônus muscular) precisa ser investigada para descartar poliomielite. Manter a eliminação depende dessa vigilância ativa", afirma.

A vigilância constante deve ser acompanhada de um compromisso permanente de imunização de toda a população. Afinal, não existe faixa etária sem recomendação de vacina. Como destaca o infectologista, há calendários específicos para crianças, adolescentes, gestantes, adultos e idosos. "É fundamental que a vacinação seja vista como um cuidado contínuo, e não algo que termina na infância", salienta Kfouri.

ines249

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

Segundo o Inpe, o desmatamento na Amazônia Legal caiu 11,08% entre agosto de 2024 e julho de 2025

Vitrine ambiental

Queda do desmatamento na Amazônia Legal, que chega ao terceiro menor nível na série histórica, reforça liderança climática do Brasil

Às vésperas da COP30, que começa na segunda-feira, 10, em Belém (PR), o Brasil apresenta dados que reforçam seu papel como liderança ambiental. Levantamento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), divulgado na semana passada, mostra que o desmatamento na Amazônia Legal caiu 11,08% entre agosto de 2024 e julho de 2025, alcançando a terceira menor taxa desde 1988. A redução no cerrado, com balanço também revelado recentemente, ficou em 11,49%. Em um momento em que o mundo busca soluções concretas para conter a crise climática, esses números são simbólicos — e politicamente relevantes — para um país que sedia, pela primeira vez, uma conferência do clima da ONU. Ainda mais na floresta amazônica.

A Amazônia Legal, conjunto que abrange nove estados brasileiros — Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins — foi criada por lei em 1953 para integrar políticas de desenvolvimento e monitoramento da região. O território ocupa cerca de 60% do Brasil e concentra 12% das florestas tropicais do planeta. Por isso, o avanço ou a retração do desmatamento nesse bioma tem impacto direto na estabilidade climática global.

Em 2025, os dados do Projeto Prodes, do Inpe, apontam que 134 quilômetros quadrados foram desmatados dentro de unidades de conservação federais na Amazônia, o menor índice desde 2008. A queda é de 74% em relação a 2022. Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), os resultados são fruto da retomada de presença do Estado na região, com mais de 300 ações de fiscalização e 1,3 mil autos de infração lavrados. Esse esforço reforça a capacidade de recuperação institucional após anos de desmonte ambiental.

O presidente do ICMBio, Mauro Pires, avaliou que "a queda contínua dos últimos anos mostra que a estratégia do instituto está apresentando resultado real e consistente". Ele atribui o avanço à reativação de conselhos participativos, à presença de políticas sociais voltadas a povos tradicionais e à renovação de equipamentos de fiscalização. A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, celebrou o desempenho, destacando que a redução "revela o compromisso do atual governo com a meta de zerar o desmatamento até 2030" e confirma a importância das unidades de conservação para proteger biomas e modos de vida.

Essas áreas protegidas têm se mostrado fundamentais: nelas, o desmatamento cai mesmo em contextos de forte

ines249

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

No cerrado, bioma que cobre cerca de um quarto do território nacional, os avanços são mais lentos

pressão do agronegócio e de avanço da fronteira pecuária. Segundo o Inpe, onde há unidade de conservação, há freio na destruição, e os efeitos são amplos — estabilização climática, regulação das chuvas e manutenção da biodiversidade. O governo reforçou esse papel ao criar e ampliar 14 áreas federais desde 2023, somando cerca de 550 mil hectares, além de instituir 59 Reservas Particulares do Patrimônio Natural.

A redução nas taxas também reflete o fortalecimento da fiscalização ambiental, segundo o governo. Desde 2023, o número de ações do Ibama cresceu 80%, passando de 14 mil para 25 mil, resultado do aumento dos recursos do Fundo Amazônia, reativado após quatro anos de paralisação. De acordo com Marina, a sequência de quedas — três anos consecutivos — já representa redução acumulada de 50% no desmatamento da Amazônia desde 2022. O resultado evitou a emissão de 734 milhões de toneladas de CO_2, volume equivalente ao das emissões anuais combinadas de França e Espanha.

Apesar do cenário otimista, Mato Grosso destoou da média. O estado foi o único da Amazônia Legal a registrar aumento de 25% no desmatamento no último ciclo, puxado pela expansão agropecuária. A persistência de queimadas ilegais também preocupa: só em 2024, o fogo destruiu 18 milhões de hectares da floresta amazônica — o maior número já registrado. O secretário-executivo do Ministério do Meio Ambiente, João Paulo Capobianco, lembrou que "se não fosse o quadro climático tão grave, com incêndios fora da linha histórica", provavelmente o país teria atingido o menor índice de desmatamento da história.

No cerrado, bioma que cobre cerca de um quarto do território nacional, os avanços são mais lentos, embora consistentes. Em unidades de conservação federais, o desmatamento caiu 62% em relação a 2022, totalizando 31 quilômetros quadrados devastados entre 2024 e 2025 — o segundo menor índice desde a criação do Inpe, em 2007. Fora dessas áreas, contudo, a pressão segue alta, principalmente nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, o chamado "Matopiba", onde o avanço da soja e da pecuária continua sendo a principal causa de perda de vegetação nativa.

O cerrado é considerado a savana mais biodiversa do planeta e tem papel essencial na recarga dos aquíferos que alimentam as grandes bacias hidrográficas brasileiras, inclusive a Amazônica. A continuidade do desmatamento nesse bioma ameaça a segurança hídrica e a produção de alimentos, tornando urgente a adoção de políticas específicas para conter o avanço da fronteira agrícola.

Os resultados apresentados pelo Brasil simbolizam uma reconstrução de políticas ambientais interrompidas nos últimos anos. Desde a retomada da fiscalização, o país volta a ocupar um lugar central no debate climático global. "Proteger florestas é uma das estratégias mais eficazes para enfrentar a crise climática", afirmou Marina. A ministra deve usar os números como vitrine em Belém, onde o governo lançará o Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF, na sigla em inglês), voltado a compensar países que mantêm suas árvores em pé.

Ainda que o Brasil comemore resultados históricos, o desafio agora é sustentar a curva descendente de desmatamento em um cenário de forte pressão econômica. Como comentou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em recente visita à região do Tapajós, "conhecer de perto a realidade dos povos da floresta é o primeiro passo para unir conservação ambiental e desenvolvimento social".

O contraste entre Amazônia e cerrado indica que o país avança, mas não de forma uniforme. A floresta amazônica, que concentra a maior parte da atenção global, teve progresso expressivo; já o cerrado, embora protegido por políticas semelhantes, segue ameaçado pelo desmatamento fora das áreas de conservação.

ines249

O ano de Péricles

Com quatro décadas de carreira, o cantor e ícone do pagode está em dois programas de TV, roda o Brasil com shows, recebe homenagem e prepara turnê com Ferrugem no projeto

André Ruoco

"Não gosto de me sentir estacionado. A caminhada é dura, mas quem ama o que faz vai longe", diz Péricles

DIVULGAÇÃO

Um dos grandes nomes da música nacional, especialmente quando se fala em pagode, o cantor Péricles tem cumprido uma intensa jornada pelo Brasil, com shows em diversas cidades. No repertório, o artista reúne grandes sucessos de sua carreira solo, iniciada em 2012, como "Até Que Durou", "Final de Tarde" e "Melhor Eu Ir". No sábado, 1º, o ex-vocalista do Exaltasamba se apresentou em São José dos Campos, no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Já neste sábado, 8, ele desembarca em Salvador como uma das atrações do festival Afropunk.

Péricles, 56 anos, tem vivido um ano de ouro. Ele ganhou projeção nacional com o Exaltasamba, do qual é um dos fundadores, em 1986, e onde permaneceu por mais de 25 anos, até a dissolução do grupo (que depois retornaria). Desde a carreira solo, iniciada com o álbum "Sensações", o cantor expandiu sua carreira, amparada em participações em programas de TV e em projetos como "Pagode do Pericão". Neste ano, ele está na TV, no reality "The Voice Brasil", agora em casa nova, o SBT em parceria com a plataforma Disney+, e embarcou no programa "Voz da Consciência", do Canal Bis e do Multishow.

Em meio a tantos compromissos, como faz para seguir na estrada? "Eu amo muito o que faço e não gosto de me sentir estacionado. Porque a música pede isso da gente, né? A gente está sempre em movimento e, quando ama o que faz, tudo fica mais fácil. Então, lógico, a caminhada é dura, mas quem ama o que faz vai longe", afirmou o artista, após o show em São José dos Campos.

Um de seus novos projetos é a turnê "As Vozes", com Ferrugem, que foi anunciada recentemente e será realizada em 2026, passando por várias cidades do país – o que amplia o bom momento vivido em 2025 para o ano seguinte. A iniciativa marca a primeira parceria entre os dois artistas, que também lançaram juntos o single "Foguete", disponível nas plataformas digitais e no YouTube desde o fim de outubro.

A turnê "As Vozes" é uma realização conjunta da Faria's Produções, empresa lançada por Péricles para agenciar sua carreira, e Gold Produções, de Ferrugem. O repertório reunirá suces-

ines249

O artista é um dos jurados do reality "The Voice Brasil", no SBT e Disney+

DIVULGAÇÃO/FORMATA/RICARDO BUFOLIN

sos individuais e canções inéditas gravadas especialmente para esse encontro dos dois artistas. "Quero que esse projeto seja envolto de muita emoção, muito respeito e muito amor, primeiro", disse Péricles. O ídolo do pagode também aposta na troca de experiências para que a turnê seja um legado "para quem vem depois". Péricles acredita que a turnê será um grande golaço para a dupla.

O cantor fez referência ao legado de Arlindo Cruz, uma de suas maiores inspirações, que faleceu em agosto passado. "Além de músico, o Arlindo era um cara muito generoso. Ele era compositor. Tinha pelo menos 700 músicas gravadas, fora as que não foram gravadas. Ele costumava fazer da música o seu norte", comentou. É esse tipo de história que espera construir para as novas gerações.

Na TV

Nesta retomada do "The Voice Brasil", Péricles tem como companheiros o pagodeiro Mumuzinho, a dupla sertaneja Matheus e Kauan e a cantora Duda Beat. No comando do programa está o apresentador Tiago Leifert, que retornou à atração com o diretor Boninho.

Já no programa "Voz da Consciência", que estreou no sábado, 1, Péricles conduz um bate-papo com artistas como Thiaguinho, Jota.Pê, Thaíde, Ailton Graça, Liniker, Rappin Hood e Criolo. Esta é a terceira temporada da atração, que celebra a cultura negra em todas as suas expressões. São oito episódios semanais de 30 minutos.

Com uma conta no Instagram com mais de 6,6 milhões de seguidores, outros três milhões inscritos no YouTube, mais 2,5 milhões no TikTok e sete milhões de ouvintes mensais no Spotify, Péricles mostra que seu nome é um dos principais do pagode no Brasil, mas não só. Sua trajetória de quatro décadas de atuação na música será celebrada no Prêmio Potências, evento anual que reconhece e impulsiona personalidades negras que transformam o país por meio da arte, cultura, comunicação, empreendedorismo e inovação. Ele será o homenageado especial desta edição, que será realizada no dia 24, na Sala São Paulo, na capital paulista. É mais uma conquista do cantor de "Até Que Durou".

Para celebrar a história e as conquistas da música negra brasileira, Péricles recebeu uma missão especial do Canal BIS e do Multishow: apresentar a nova temporada do programa "Voz da Consciência", que chega diretamente de São Paulo para homenagear as origens do samba paulista e o nascimento do Hip-Hop.

A série, que estreou na televisão no início deste mês, é um retrato vibrante da diversidade e da força da música popular brasileira. Em oito episódios semanais de 30 minutos, Péricles conduz o público por uma jornada que conecta gerações, celebrando a cultura negra em todas as suas expressões.

A nova temporada mergulha nas origens e desdobramentos da música feita por artistas negros e periféricos, revelando como suas trajetórias transformaram territórios, comunidades e a própria identidade cultural do País. Entre os nomes que participam desta temporada, estão Thiaguinho, Jota.Pê, Thaíde, Ailton Graça, Liniker, Rappin Hood, Criolo, entre outros. E

Turnê com o cantor Ferrugem foi anunciada neste ano

RODOLFO MAGALHÃES

ines249

São Paulo terá GP decisivo, como no ano passado. São 33 pontos em disputa nesta etapa

VANDERLEY SOARES/DIVULGAÇÃO

Pista embolada

GP de São Paulo é decisivo para a pretensão de três pilotos na disputa pelo título da F1; prova terá a volta de um brasileiro em Interlagos

Lena Castellón

O Grande Prêmio de São Paulo da Fórmula 1, que dá largada na sexta-feira, 7, com os treinos livres, será decisivo para os sonhos de três pilotos na disputa pelo título deste ano. Há ainda um quarto postulante, mas ele terá de operar um milagre, se superar e ainda torcer pela queda fragorosa dos concorrentes para levantar a taça do campeonato. Dois pilotos da McLaren estão na dianteira: com 357 pontos, o britânico Lando Norris está apenas ligeiramente à frente do companheiro de escudeira, o australiano Oscar Piastri, que tem 356 e que liderou a maior parte da temporada.

Eles estão ameaçados pelo holandês Max Verstappen, da RBR (Red Bull Racing), que tem 321 pontos e que teve uma impressionante arrancada a partir do segundo semestre. Contra a dupla da McLaren pesa a experiência do atual terceiro colocado no campeonato. Norris, que venceu a etapa anterior, o GP do México, busca seu primeiro título, bem como Piastri. Verstappen é tetracampeão (2021, 2022, 2023 e 2024). Por sinal, ele venceu a prova em São Paulo no ano passado, e de forma impressionante (saindo do 17º lugar).

Correndo muito por trás está mais um britânico George Russell, da Mercedes, que soma 258 pontos. Matematicamente, tem chances, ainda que mínimas. Na prática, nem mesmo a equipe deve acreditar nesse feito.

Em São Paulo, a 21ª corrida de um total de 24, estão em jogo 33 pontos, já que este GP conta com o formato sprint, uma prova reduzida que confere oito pontos ao primeiro colocado – e que acontece no sábado, às 11h, na véspera do grande prêmio, que será disputado no domingo, às 14h.

Apesar de todos esses pontos e os resultados serem decisivos para as pretensões de Norris, Piastri e Verstappen, não será possível cravar nenhum campeão em Interlagos. A decisão seguirá para o restante do calendário: as próximas provas serão Las Vegas, Catar (que terá sprint) e Abu Dhabi, com 83 pontos para serem conquistados. Já o Mundial de Construtores está definido: o título é da McLaren.

Para dar ainda mais emoção ao GP São Paulo, o público terá a volta de um brasileiro no circuito. Gabriel Bortoleto, da Sauber (Audi, a partir de 2026) vem sendo apontado como uma das grandes revelações da temporada. A última vez que um brasileiro esteve no grid de F1 no autódromo de Interlagos foi em 2017 com Felipe Massa, então na Williams. Bortoleto contará com torcida paramentada na sprint e no Grande Prêmio.

Em sexto lugar no campeonato, com 146 pontos, o inglês Lewis Hamilton, entusiasta do Brasil e que tem Ayrton Senna como ídolo, promete atrair atenção com sua Ferrari, escuderia que tem um bom número de fãs no país.

Um momento especial deste GP será a homenagem ao piloto José Carlos Pace, que dá nome ao autódromo. Há 50 anos, correndo em Interlagos com uma Brabham, o brasileiro conquistou a única vitória da carreira. O piloto faleceu, aos 32 anos, em um acidente aéreo em 1977.

Para o público, outra atração é a programação da fanzone que, pelo segundo ano, terá música. Implantada no ano passado, a estratégia foi bem-sucedida e terá, desta vez, Thiaguinho, Seu Jorge e a dupla sertaneja Matheus e Kauan. O pagodeiro será responsável por cantar o Hino Nacional, tradição antes da largada.

O circo da Fórmula 1 deve gerar um impacto econômico estimado de R$ 2,2 bilhões, segundo dados da SPTuris. O valor supera o resultado de 2024, quando o GP movimentou cerca de R$ 1,96 bilhão, e reforça a importância econômica da corrida na agenda de eventos da cidade.

ines249

Hotéis dos sonhos

Edição 2025 do ranking 50 Best Hotels traz dois brasileiros na lista. O número 1 do mundo fica em Hong Kong

Bruno Pavan

Em sua terceira edição, o Ranking 50 Best Hotels tem dois hotéis brasileiros entre os 50 melhores do mundo: o Belmond Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, e o Rosewood São Paulo. O lendário hotel carioca ocupa a 11ª colocação e faz sua estreia na lista. É o primeiro sul-americano no ranking. Já o Rosewood manteve a 24ª colocação de 2024.

O melhor hotel do mundo, segundo o The World's 50 Best Hotels 2025, é o Rosewood de Hong Kong. Na sequência, estão dois hotéis da capital tailandesa: Four Seasons Bangkok e Capella. Na edição 2024, o Rosewood ficou na terceira posição, enquanto o Capella estava no topo. O segundo colocado, no ano passado, foi o italiano Passalacqua, no Lago de Como.

Rosewood Hong Kong foi eleito o melhor hotel de 2025. Na edição anterior, foi o terceiro colocado

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

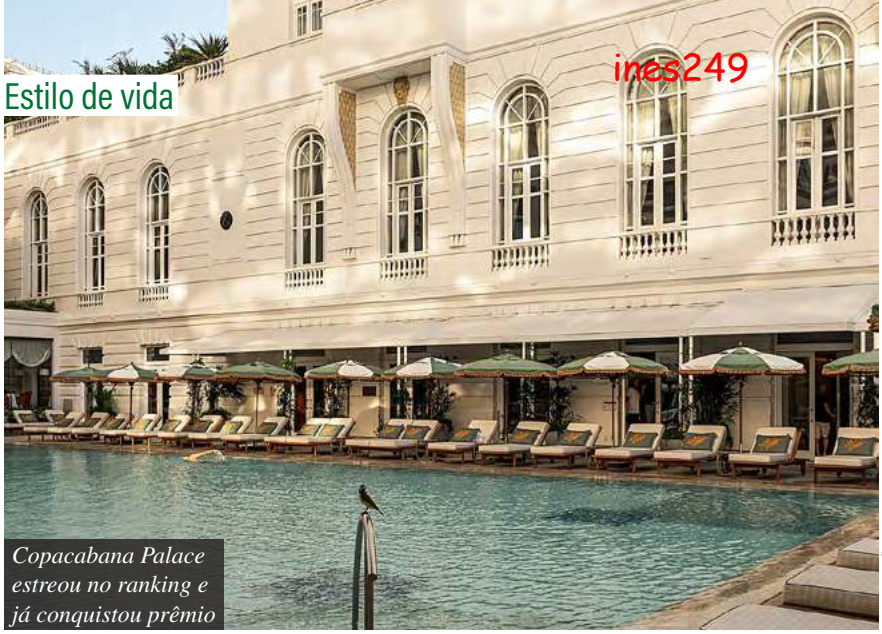
Os premiados do The World's 50 Best Hotels são definidos pelos votos da The World's 50 Best Hotels Academy, composta por mais de 800 especialistas em hospitalidade ao redor do mundo — de hoteleiros experientes e jornalistas de viagem a viajantes frequentes. Durante o período de votação, cada membro da academia é convidado a nomear sete hotéis que mais os impressionaram nos últimos 24 meses, em ordem de preferência. Não são feitas inscrições.

Novato no ranking 2025, o Copacabana Palace celebrou a conquista em seu perfil no Instagram. Ele recebeu o prêmio Highest New Entry, dado aos estreantes na lista (foram 20 neste ano), além de ser o melhor sul-americano. "Há mais de um século na praia de Copacabana, o hotel permanece como um verdadeiro ícone brasileiro, um símbolo da elegância do Rio e da arte da hospitalidade".

O Rosewood São Paulo comemorou mais uma presença na lista prestigiada. "Manter a mesma posição pelo segundo ano consecutivo é o reconhecimento de nosso esforço diário em oferecer o que há de melhor em hospitalidade, com alma e cultura brasileiras", afirmou Marie-Berengere Chapoton, diretora geral do hotel na capital paulista.

A novidade do The World's 50 Best Hotels 2025 é que a lista foi ampliada para incluir um ranking de 51 a 100. O Brasil também está presente nessa relação: o Hotel das Cataratas, da rede Belmond (como o Copacabana Palace), que fica no parque de Foz do Iguaçu (PR), conquistou o 76º lugar.

ines249



Copacabana Palace estreou no ranking e já conquistou prêmio

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Confira o Top 10 da edição 2025:

1. Rosewood Hong Kong (China)
Em uma cidade repleta de arranha-céus e hotéis de luxo, o Rosewood Hong Kong se destaca. Inaugurado em 2019 como a propriedade-âncora do grupo asiático, tornou-se símbolo da hospitalidade minimalista moderna, com mais de 400 quartos que combinam escala, elegância e serviço impecável.

2. Four Seasons Bangkok (Tailândia)
Localizado às margens do rio Chao Phraya, o hotel combina sofisticação contemporânea e atmosfera de resort em pleno centro urbano. Tem 299 quartos.

3. Capella Bangkok (Tailândia)
Na intensa Bangoc, o Capella oferece respiro. Seus 101 quartos e suítes são banhados por luz natural e voltados para o "rio dos Reis", o Chao Phraya.

4. Passalacqua (Itália)
Instalado em uma vila do século XVIII que já pertenceu ao Papa Inocêncio XI, este refúgio às margens do Lago de Como tem 24 quartos, decorados de forma única, mantendo viva a história do local com detalhes artesanais.

5. Raffles Singapore (Singapura)
Inaugurado em 1899, o Raffles Singapore preserva sua arquitetura branca impecável e o lendário serviço de mordomos. Famoso pelo coquetel Singapore e por seus porteiros sikhs, o hotel oferece uma viagem à era dourada do turismo de luxo.

6. Atlantis The Royal (Emirados Árabes Unidos)
Com 795 quartos, 16 restaurantes, 17 boutiques e 90 piscinas, o Atlantis redefine o conceito de grandiosidade. Desde sua abertura em 2023, tornou-se um marco da hospitalidade em Dubai.

Rosewood São Paulo manteve a 24ª posição pelo segundo ano

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

7. Mandarin Oriental Bangkok
(Tailândia)
Parte essencial da história do grupo Mandarin Oriental, o hotel é um ícone de luxo há mais de 150 anos. De 12 quartos originais, passou a quase 400, atraindo celebridades como Michelle Yeoh e Stanley Tucci.

8. Chablé Yucatán (México)
Aberto em 2016, o Chablé Yucatán é um refúgio de bem-estar no coração da selva maia. Oferece programas terapêuticos inspirados nas tradições locais e uma paisagem serena cercada por palmeiras.

9. Four Seasons Firenze (Itália)
Instalado em um palácio Medici do século XV e cercado pelo maior jardim privado de Florença, o hotel é exemplo da clássica hospitalidade italiana. A herança histórica está presente em cada detalhe, dos tetos com afrescos aos jantares realizados em antigas capelas.

10. Upper House Hong Kong (China)
Inaugurado em 2009, o Upper House oferece um santuário de tranquilidade nas alturas de Hong Kong. Seu design discreto cria uma sensação de calma em um oásis repleto de arte com vista para o porto de Victoria.

Dois destaques do Brasil entre os 50 melhores hotéis do mundo:

11. Copacabana Palace
Ícone do Rio de Janeiro, foi construído em 1923 com a intenção de trazer o glamour de estilo europeu para a orla brasileira. Hoje conhecido em todo o mundo, o hotel é sinônimo de turismo de luxo na América do Sul. Em 2025, fez sua estreia no ranking, conquistando o prêmio Lavazza, dado aos estreantes na concorrida lista. De quebra, levou também o título de Melhor Hotel da América do Sul.

24. Rosewood São Paulo
Primeira propriedade da rede Rosewood na América do Sul, o hotel está situado no complexo Cidade Matarazzo. Seus 180 quartos e suítes ocupam um antigo hospital maternidade, revitalizado com mobiliário de alto padrão e uma exuberante vegetação.

ines249

O tênis Japan S Airbag é collab entre Asics e Toyota no Brasil

FOTOS DIVULGAÇÃO

Economia circular no pé

Collab entre Asics e Toyota, iniciativa exclusiva do Brasil, transforma airbags em modelo de tênis, unindo design retrô e sustentabilidade

Lucca Mendonça

Toyota e Asics resolveram juntar dois mundos que, à primeira vista, parecem distantes, mas que fazem sentido quando o assunto é tecnologia, mobilidade e sustentabilidade. A parceria entre as marcas japonesas, uma de tênis e a outra de carros, deu origem ao Japan S Airbag, modelo que, como o nome indica, usa tecido de airbags reaproveitados no revestimento.

O tênis nasceu de um casamento curioso: o material que um dia serviu para salvar vidas dentro dos carros agora tem a função de revestir um calçado. O modelo é uma releitura de um clássico da marca, um tênis de basquete dos anos 1980, o Japan S. Ele retorna com design retrô. Segundo as empresas, 25% da composição do tênis provêm de airbags reutilizados.

A proposta é que o tênis de airbag una o DNA esportivo da Asics à tradição de confiabilidade da Toyota. Na visão das companhias, o produto dialoga com a cultura sneakerhead, o universo automotivo e a rotina contemporânea das grandes cidades.

"Assim como a Toyota redefine padrões de mobilidade, a Asics tem como missão promover equilíbrio entre corpo e mente por meio do esporte, do bem-estar e da inovação. Essa collab celebra a convergência desses valores", afirmou Constanza Novillo, diretora de marketing da Asics para a América Latina.

Para Roberto Braun, diretor de comunicação e porta-voz da área de ESG da Toyota do Brasil e presidente da Fundação Toyota do Brasil, ao transformar airbags em um produto de estilo e performance, a empresa reforça a importância da economia circular. E há outro ganho. "Ampliamos nossa presença em universos culturais que dialogam com a mobilidade", declarou.

Disponível desde outubro, o Japan S Airbag está nas lojas da Asics em São Paulo e Rio de Janeiro, além do e-commerce da marca, com preço sugerido de R$ 499,99. Quem diria que o mesmo material que um dia estourou para proteger a pessoa no trânsito pode acompanhar o consumidor por onde for.

Essa não é a primeira vez que o grupo Toyota se une à Asics em um projeto de sustentabilidade, embora a iniciativa brasileira seja inédita. Em janeiro de 2025, a marca japonesa de calçados lançou uma parceria com a Toyoda Gosei, empresa que integra o grupo Toyota e é especializada na produção de componentes automotivos como airbags, volantes e painéis internos. O resultado dessa colaboração foi o tênis Skyhand OG, lançado inicialmente no mercado asiático e depois estendido para o público norte-americano.

O modelo reutiliza sobras de couro originadas da fabricação dos volantes produzidos pela Toyoda Gosei, transformando o material em um elemento de design sustentável. Com uma estética minimalista em preto, o calçado combina diferentes texturas de couro — liso, camurça e perfurado — e traz costuras cruzadas que remetem aos acabamentos característicos dos volantes automotivos, reforçando o conceito de inovação e reuso que conecta as duas marcas. E

Na composição do modelo, 25% do material são de airbags reutilizados

ines249

Museu

MOHAMED ABD EL GHANY/REUTERS

Com investimento de US$ 1,2 bilhão, o Grande Museu Egípcio recebe visitantes

Espetáculo faraônico

Após mais de duas décadas de obras, o Grande Museu Egípcio abre suas portas no Cairo com o tesouro completo de Tutancâmon, um colosso de Ramsés II e galerias imersivas

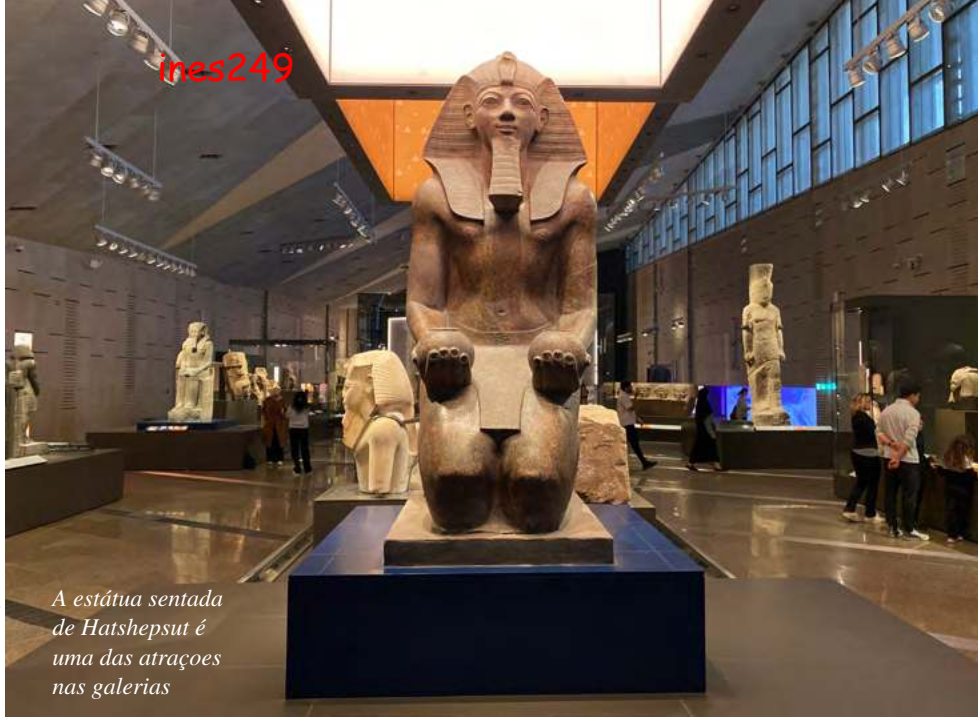
O Egito celebra a inauguração do Grande Museu Egípcio – ou Grand Egyptian Museum (GEM) –, um dos projetos culturais mais ambiciosos do país e que levou mais de 20 anos para ser finalizado. Diante das pirâmides de Gizé, no Cairo, o imponente espaço é dedicado a uma única civilização e essa singularidade foi marcada por um espetáculo de lasers, fogos e música sinfônica na noite de inauguração, no sábado, 1. Drones desenharam saudações no céu e criaram imagens de faraós e deuses, bailarinos desfilaram em trajes inspirados no Antigo Egito e uma orquestra tocou "Message for Peace", do compositor egípcio Hisham Nazih, em uma cerimônia que reuniu personalidades e chefes de Estado.

Aberta oficialmente ao público na terça-feira, 4, a obra enfrentou revoluções, crises econômicas e a pandemia e consumiu cerca de US$ 1,2 bilhão, montante que permitiu transformar um terreno de meio milhão de metros quadrados em um santuário para mais de 100 mil peças arqueológicas. Esse acervo monumental compreende aproximadamente sete milênios da história do Egito.

O Grande Museu Egípcio vai além de uma atração turística. Para o país, é um marco de identidade e poder simbólico. Ele se soma a um plano mais amplo de revitalização da região de Gizé, que incluirá hotéis, centros comerciais e novas conexões com o Aeroporto Internacional Esfinge. A expectativa é de que o museu receba até sete milhões de visitantes por ano (com ingressos para adultos equivalentes a US$ 30), ajudando o país a alcançar a meta de 30 milhões de turistas até 2030.

Esse projeto ambicioso começou a ser desenhado nos anos 1990 e teve a pedra fundamental lançada em 2002. No ano seguinte, o escritório irlandês Heneghan Peng Architects venceu o concurso internacional de arquitetura com uma proposta que equilibrava monumentalidade e leveza. A fachada de calcário e vidro reflete a geometria das pirâmides, como se o edifício moderno

ines249



FOTOS DIVULGAÇÃO

A estátua sentada de Hatshepsut é uma das atraçoes nas galerias

dialogasse com as estruturas erguidas há cinco mil anos. Esse conceito se reflete em um obelisco suspenso na entrada, de 110 toneladas, que simboliza a ponte entre o antigo e o contemporâneo.

De dentro, o visitante avista o horizonte de Gizé emoldurado pelo próprio museu, cuja cobertura se inclina em direção ao topo da Grande Pirâmide, mas sem ultrapassá-lo — um gesto de reverência que traduz o respeito à escala e ao legado do local. No imenso átrio, uma estátua de Ramsés II tira o fôlego do visitante: são 83 toneladas de granito e 11 metros de altura, dando as boas-vindas como se fosse um guardião do passado.

Uma larga escadaria conduz o visitante por estátuas colossais dispostas em ordem cronológica reversa. Nas galerias, estão esculturas que representam escribas, deuses, faraós. Uma das atrações, na galeria 8, é uma estátua ajoelhada de Hatshepsut, rainha que adotou títulos, insígnias e iconografia masculinos ao assumir o governo do país, sendo coroada como faraó. Essa escolha, representada em imagens com corpo masculino e barba postiça, visava legitimar sua autoridade dentro da tradição egípcia.

A majestosa estátua apresenta Hatshepsut oferecendo potes nu (recipientes para líquidos sagrados, geralmente água purificada, vinho, leite ou óleos) ao deus Amon-Rá.

Apesar de toda essa opulência de peças histórias, não resta dúvida de que o coração da nova instituição é a Galeria de Tutancâmon, onde estão reunidos, pela primeira vez, os mais de 5 mil objetos encontrados exatamente em 4 de novembro de 1922 pelo arqueólogo britânico Howard Carter. É o maior conjunto de artefatos já exibido de um único túmulo faraônico: a famosa máscara mortuária de ouro, carruagens, tronos, joias e utensílios que acompanharam o jovem rei em sua jornada para a eternidade. Cada peça foi restaurada e disposta para permitir uma leitura íntima da vida e da morte do faraó-menino. A ideia é replicar o que Carter encontrou 103 anos atrás.

Além do tesouro de Tutancâmon, o museu atrai a atenção dos visitantes pela linha de tempo da civilização egípcia, de períodos pré-históricos até a era greco-romana. A viagem ganha reforço com galerias imersivas que combinam recursos de realidade virtual e projeções que ampliam a sensação de caminhar por templos e tumbas antigas.

Outro destaque é o Museu das Barcas Solares, onde estão expostas embarcações de 4.500 anos descobertas ao lado da pirâmide de Quéops. Uma delas foi transferida peça por peça e totalmente remontada no novo espaço. A outra, que já era exibida em um museu próximo, foi restaurada para integrar a narrativa do complexo.

O GEM abriga o centro de restauração mais avançado do Oriente Médio, com 17 laboratórios dedicados à conservação de papiros, tecidos, cerâmicas e múmias. É possível observar o trabalho dos arqueólogos por meio de vidraças transparentes, mostrando o processo de preservação de uma civilização. Há ainda uma parte dedicada ao público infantil para estimular o interesse das novas gerações pela história.

Ao combinar tecnologia, arte e memória, o Grande Museu Egípcio oferece uma experiência sensorial e histórica sem precedentes. É um monumento à permanência do Egito e à capacidade humana de construir, restaurar e contar histórias milenares de forma nova.

Um obelisco suspenso conecta o antigo e o contemporâneo

ines249

História de um casal

Documentário "Meu Ayrton por Adriane Galisteu", da HBO Max, conta a visão da apresentadora sobre o homem Ayrton Senna

Sofia Magalhães

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Adriane conta como conheceu Ayrton, entre outros momentos da sua relação com o piloto

Em maio, os brasileiros foram surpreendidos pelo anúncio de mais uma produção focada em Ayrton Senna, tricampeão de Fórmula 1, morto em 1994, que foi tema de uma minissérie dramatizada lançada 2024 pela Netflix, "Senna", e que fez sucesso mundo afora. Mas desta vez a narrativa estaria centrada não na família, mas em Adriane Galisteu, a última namorada do piloto. Nesta quinta-feira, 6, chegou à HBO Max a propagada série documental. "Meu Ayrton por Adriane Galisteu" tem dois episódios de 45 minutos, cada. Em "Senna", a apresentadora teve dois minutos de aparição.

Na docussérie, da Magnífica Produções com direção de João Wainer, Adriane revisita suas lembranças sobre o período em que ela e Ayrton namoraram, um ano e meio (entre 1993 e 1994). Ela garante que a série não é uma resposta ao fato de ter sido apagada da história do piloto pela família dele na produção da Netflix. Sua participação reduzida na trama provocou indignação nas redes sociais entre uma parte dos fãs do tricampeão.

"Não quero mexer nesse caldeirão; não faz sentido pra mim. Jamais vou apontar dedos para ninguém. Cada um tem uma história para contar e eu queria contar só a minha versão", afirmou. Emocionada, a ex-modelo explicou que reviver os tempos com Ayrton ainda mexe com ela. "É muito profundo voltar a um lugar onde fui tão feliz e tão triste ao mesmo tempo", afirmou.

O documentário traz revelações de pessoas próximas a Ayrton, como Luiza Braga (viúva do empresário Antônio Carlos de Almeida Braga, empresário e amigo do corredor); o ex-piloto Emerson Fittipaldi; e a ex-assessora de imprensa de Senna, Betise Assumpção.

"O homem que foi tratado a vida inteira como ídolo também tinha dores. Ele era muito maior como homem do que como tricampeão mundial", ressaltou Adriane.

Em "Meu Ayrton", a apresentadora conta como foi o primeiro encontro. Ele enviou conhecidos para pedir o telefone dela. O documentário demonstra que o piloto era preocupado, ansioso, cuidadoso, raivoso e até ciumento. Quando Adriane e Ayrton ainda "estavam se conhecendo", ele procurou o então editor-chefe da Playboy, Juca Kfouri, solicitando que a revista não publicasse um ensaio da modelo por receio de que isso prejudicasse a imagem da namorada. O pedido foi atendido.

Um dos pontos que deve atrair a atenção é a reação da apresentadora na hora do acidente no Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, que vitimou o piloto. "Eu peguei uma roupa para ele, porque pensei: 'Ele vai ficar uns dias no hospital'. Fiz uma malinha com pijama, uma escova de dente. 'Depois a gente vai voltar'", rememorou, durante a coletiva. Adriane revelou que nunca pensou na possibilidade de Senna ter morrido na pista. Ela realmente acreditava que iria encontrá-lo vivo.

A relação da apresentadora com a família do ex-namorado também é contada. "Atendi o telefone e o Braga falou: 'A família não quer ela aqui; ele já morreu'", conta Luiza Braga.

Mais de três décadas depois da morte de um dos maiores ídolos do país, o documentário oferece ao público a história de um casal que teve parte de seus momentos vividos diante dos holofotes. Também revela intimidades e responde dúvidas dos brasileiros sobre um dos relacionamentos mais comentados dos anos 1990.

ines249

Filmes e séries

A corrida do Oscar começou

Aposta do Brasil no Oscar, "O Agente Secreto" estreia nas salas de cinema. No streaming, uma pedida é o documentário sobre o caso Eloá.

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

"O Agente Secreto"
No Brasil de 1977, Marcelo (Wagner Moura), um professor especializado em tecnologia, muda para Recife em busca de recomeço, mas logo percebe que o refúgio se torna outro tormento, marcado por vigilância e paranoia. A direção é de Kleber Mendonça Filho.

"Honey, Não!"
Neste filme dirigido por Ethan Coen, a detetive Honey O'Donahue (Margaret Qualley) investiga assassinatos ligados a uma igreja comandada por um reverendo carismático (Chris Evans).

"Quando O Céu Se Engana"
Arj (Aziz Ansari, que também dirige o filme) é um homem comum que, após um erro celestial, descobre que deveria ter morrido e passa a ser guiado por Gabriel (Keanu Reeves), um anjo que tenta corrigir o equívoco.

"Predador: Terras Selvagens"
Em um planeta remoto, um jovem predador marginalizado por seu clã encontra uma aliada improvável, a androide Thia (Elle Fanning). Eles têm de aperfeiçoar habilidades de combate e sobreviver a perigos constantes até enfrentarem um adversário supremo.

Destaques do streaming

"Animais Perigosos"
Uma surfista é sequestrada por um serial killer que usa tubarões como armas em um barco, dando início a um jogo brutal de caça e sobrevivência. Estreia dia 6.
Prime Video

"Narrativas Negras Não Contadas"
Na segunda temporada desta docussérie, parte do projeto homônimo, do programa WBD Acess, a produção traz curtas como "Camisa 9", programa esportivo dos anos 1980, e "Meu nome é Tiana", sobre uma travesti negra de 92 anos, a mais idosa do país. Estreia dia 10.
HBO Max

"Pluribus"
Série criada por Vince Gilligan ("Breaking Bad"), que estreia dia 7. A trama mostra uma mulher comum (Rhea Seehorn) encarregada de salvar o mundo de uma misteriosa distorção que altera a felicidade humana.
Apple TV+

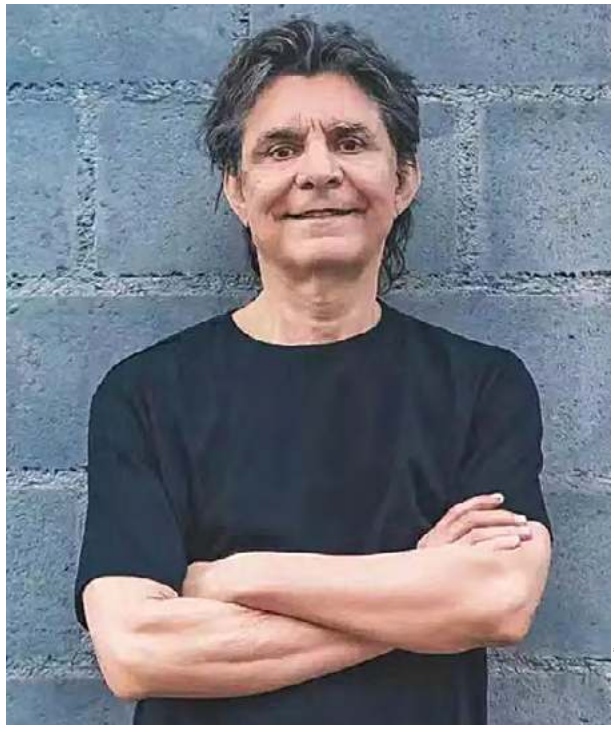
"Caso Eloá – Refém ao Vivo"
Dirigido por Cris Ghattas, o filme documental, que estreia no dia 12, traz a história da adolescente Eloá, que foi feita refém por seu ex-namorado em um sequestro transmitido ao vivo. Depoimentos inéditos e trechos do diário da vítima reconstroem o caso que chocou o Brasil.
Netflix

ines249

Adeus a um dos grandes artistas da música brasileira

Cantor, compositor e um dos fundadores do Clube da Esquina, Lô Borges morre aos 73 anos, em Belo Horizonte

Um dos fundadores do Clube da Esquina, movimento musical que surgiu em Belo Horizonte no final dos anos 1960, o mineiro Lô Borges morreu no domingo, 2, aos 73 anos, após 17 dias lutando contra as consequências de uma intoxicação medicamentosa. O músico estava internado na UTI do Hospital Unimed, na capital mineira. Durante o tratamento, o artista precisou de suporte ventilatório e, em 25 de outubro, foi submetido a uma traqueostomia (procedimento em que se faz uma abertura na traqueia para ajudar o paciente a respirar). Segundo o boletim médico, ele faleceu em decorrência de falência múltipla de órgãos.



DIVULGAÇÃO

Lô Borges ficou internado 17 dias devido a uma intoxicação medicamentosa

Autor de obras como "Um Girassol da Cor do seu Cabelo", "O Trem Azul", "Para Lennon e McCartney" e "Paisagem da Janela", Lô Borges fez com Milton Nascimento uma parceria histórica. O hoje famoso Clube da Esquina era um apelido que a mãe de Lô e de Márcio Borges, seu irmão mais velho, deu para uma esquina no bairro de Santa Tereza onde amigos dos filhos se reuniam à noite para tocar música. Esse grupo, que também se encontrava em bares no centro de Belo Horizonte, contava com nomes que entrariam para a história da música brasileira, como Toninho Horta, Beto Guedes, Fernando Brant e Wagner Tiso.

Em 1972, Milton e Lô lançaram o álbum duplo "Clube da Esquina", que não foi bem recebido à época pelos críticos, mas que depois se transformaria em um dos trabalhos brasileiros mais elogiados internacionalmente. A canção "Clube da Esquina", que batizou o álbum, é assinada por Milton e Lô.

Em 2024, a revista norte-americana Paste Magazine elegeu o disco o nono do mundo em um ranking dos 300 melhores álbuns da história. Na justificativa, a publicação descreveu que Milton e Lô "criaram algo tão marcante e único em 'Clube da Esquina' que encanta como uma nuvem de calor e diversidade sonora". A crítica descreveu a obra como uma mistura de Beatles e Chopin, com toques de pop barroco, folk e psicodelia. "Do começo ao fim, as visões e sons notáveis de Nascimento e Borges — que viam a música clássica e a popular como iguais, pedindo para serem consagradas juntas em canção para sempre — fazem de 'Clube da Esquina' o maior álbum brasileiro de todos os tempos".

Nascido Salomão Borges Filho, o músico era o sexto filho do casal Maricota e Salomão Borges. Ele acompanhava Márcio, seis anos mais velho, aos encontros com os amigos para falarem sobre Beatles, MPB e outros artistas. Com 18 anos, ele seguiu Milton para o Rio de Janeiro para trabalharem na construção do álbum duplo. No mesmo ano de lançamento de "Clube da Esquina", Lô foi convidado pelo estúdio Odeon a ter um álbum solo, que recebeu seu nome, mas ficou conhecido popularmente como "Disco do Tênis" por ter na capa um par de tênis que ele usava.

Depois disso, o músico mineiro interrompeu a carreira momentaneamente. Viveu em Arembepe (BA) como hippie até decidir retornar a Belo Horizonte. Ele voltou à cena em 1978, no "Clube da Esquina 2", álbum que teve uma produção coletiva, com participações de Beto Guedes, Tavinho Moura, Toninho Horta, Flávio Venturini, Wagner Tiso, Márcio Borges, Ronaldo Bastos, Fernando Brant, Nelson Angelo, Novelli e Robertinho Silva, com Milton e Lô como os principais criadores.

No ano seguinte, Lô lançou seu segundo disco solo, "A Via Láctea". Nas décadas seguintes, reduziu o ritmo de

ines249

produção, mas continuou gravando discos: "Nuvem Cigana", "Sonho Real" e "Meu Filme" vieram na sequência. Em 2003, destacou-se com "Dois Rios", parceria com Samuel Rosa e Nando Reis, gravada pelo Skank. No mesmo ano, "Um Dia e Meio" foi lançado.

Entre 2006 e 2022, produziu obras como "Horizonte Vertical", "Rio da Lua", "Dínamo" e "Chama Viva". Em 2023, apresentou o álbum ao vivo "50 Anos de Música – Ao Vivo na Sala Minas Gerais", mesmo ano em que lançou "Não Me Espere na Estação", indicado ao Grammy Latino. Também em 2023, teve sua trajetória contada no documentário "Lô Borges – Toda Essa Água", dirigido por Rodrigo de Oliveira e Vânia Catani. Em 2024, foi a vez de "Tobogã". Neste ano, em agosto, lançou "Céu de Giz", com Zeca Baleiro.

No Instagram, o perfil de Milton referiu-se ao artista desta maneira: "Lô Borges foi – e sempre será – uma das pessoas mais importantes da vida e obra de Milton Nascimento. Foram décadas e mais décadas de uma amizade e cumplicidade lindas, que resultaram em um dos álbuns mais reconhecidos da música no mundo: o 'Clube da Esquina'. Lô nos deixará um vazio e uma saudade enormes, e o Brasil perde um de seus artistas mais geniais, inventivos e únicos". Ε

Com Milton Nascimento, com quem lançou o álbum "Clube da Esquina"

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Cem anos de ativismo político

Clara Charf, viúva de Marighella, passou dez anos exilada pela ditadura; ela fundou no Brasil o movimento Mulheres pela Paz

A ativista brasileira Clara Charf, viúva de Carlos Marighella, morreu na segunda-feira, 3, aos 100 anos, de causas naturais. Ela estava hospitalizada havia alguns dias e foi intubada, segundo comunicado da Associação Mulheres Pela Paz, da qual era fundadora e presidenta. A organização destacou que ela "deixa um legado de lutas pelos direitos humanos e equidade de gênero".

Clara nasceu em Maceió (AL) depois que os pais, judeus russos, fugiram da Europa. Mesmo com as dificuldades econômicas da família, Clara conseguiu aprender inglês e piano. A família se mudou para Recife (PE). Em busca de oportunidades de emprego, ela foi para o Rio de Janeiro. Estava com 20 anos.

Lá, filiou-se ao Partido Comunista, em 1946. Dois anos depois, passou a viver com Carlos Marighella, deputado federal pelo PCB da Bahia, que tinha conhecido casualmente. No ano seguinte, ele teve seu mandato cassado pelo governo Eurico Gaspar Dutra, que colocou o partido na ilegalidade. Após o golpe militar, Marighella participou da luta armada. Clara foi perseguida por agentes da ditadura e foi presa.

Depois do assassinato de Marighella, em 1969, ela foi para o exílio em Cuba. A família ficou seis anos sem notícias de Clara.

Em 1979, retornou ao Brasil e filiou-se ao PT, participando da construção do partido. Desde seu regresso, Clara se engajou na luta política. "Ela passou a ficar muito próxima da luta das mulheres, das liberdades, dos direitos e por uma condição social sempre mais justa e igualitária", afirmou em entrevista à Agência Brasil a documentarista Isa Grinspum Ferraz, sobrinha de Marighella e autora do documentário "Marighella" (2012).

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA

Depois do assassinato de Marighella, Clara foi para o exílio em Cuba; ao retornar ao Brasil, filiou-se ao PT

A morte de Clara ocorreu na véspera da data de morte de Marighella (4 de novembro). Em nota, o PT reverenciou a memória da ativista. "Foi um século dedicado à liberdade, à justiça social, ao enfrentamento ao fascismo e à defesa intransigente dos direitos humanos. Sua história se confunde com a própria história da resistência democrática brasileira". Ε

ines249

Megaoperação domina as redes

Na semana passada, os leitores de IstoÉ foram às redes em reação às notícias sobre a megaoperação policial que tomou os complexos do Alemão e da Penha, no Rio de Janeiro. A ação resultou em 121 mortes.

Megaoperação: aprovação de 87,6% dos moradores de favelas do Rio

Pesquisa Atlas divulgada na sexta-feira, 31, mostra que 87,6% dos moradores de favelas da cidade do Rio de Janeiro apoiam a megaoperação contra o Comando Vermelho que ocorreu na semana passada e causou 121 mortes, incluindo quatro policiais. Quando é analisado o total de comunidades no Brasil todo, o índice chega a 80,9%. A ação policial divide mais as opiniões entre aqueles que não vivem em favelas. Na capital do Rio, 55% são a favor e 40,5% contrários à megaoperação. No Brasil, 55,2% aprovam a ação e 42,3% desaprovam.

788 mil ♡26 mil

Reação de Lula à megaoperação; Virgínia Fonseca supera Larissa Manoela em seguidores

O Minuto IstoÉ da quarta-feira, 29, trouxe o comentário do governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), sobre ter "total tranquilidade" quanto à megaoperação contra o Comando Vermelho. O ministro da Justiça e da Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, afirmou que o presidente Lula ficou estarrecido com a quantidade de mortes. Outra notícia do programete apontou que a influenciadora digital Virginia Fonseca atingiu a marca de 53,6 milhões de seguidores, superando Larissa Manoela, com 53,4 milhões. Ela está atrás apenas de Anitta e Tatá Werneck.

65,6 mil ♡1,3 mil

367 mil ♡2,2 mil

Governadores de oposição a Lula apoiam Cláudio Castro

Governadores de direita prestaram apoio ao mandatário fluminense, Cláudio Castro (PL), na esteira da megaoperação policial realizada nos complexos da Penha e do Alemão. Colega de partido de Jair Bolsonaro, Castro se queixou da falta de respaldo do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e afirmou que teve um pedido de recursos logísticos negado pelo Ministério da Defesa. O Palácio do Planalto, por sua vez, vê uma tentativa de explorar o tema com fins políticos.

438 mil ♡7,7 mil

Leandro Hassum relembra 11 anos de bariátrica

O ator e humorista Leandro Hassum, 52 anos, publicou nas redes um vídeo com a retrospectiva dos 11 anos desde a cirurgia bariátrica pela qual passou para a redução de peso. Em 2014, ano em que foi submetido ao procedimento, Hassum pesava 160 quilos; hoje está com 87. "É uma doença sem cura, porém com muitas formas de tratamento", escreveu o ator a respeito da obesidade.

Ministra anuncia perícia independente

A ministra dos Direitos Humanos, Macaé Evaristo, chamou a megaoperação nos complexos da Penha e do Alemão de "tragédia" e "fracasso", prometendo a familiares de vítimas que o governo vai fazer uma perícia dos cordos de forma independente.

881 mil ♡12 mil

www.istoe.com.br
TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe
Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/
LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe
YouTube: youtube.com/@revistaISTOE
X: x.com/istoe
Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra

REPRODUÇÃO FACEBOOK

"Ficou muito claro para o Pacheco que o MDB tem pré-candidatura. Para ser candidato ao governo de Minas Gerais tem de ter tesão, e eu estou com tesão para isso"

Gabriel Azevedo (MDB), em entrevista à IstoÉ, após anunciar pré-candidatura ao governo de Minas Gerais – o partido era cotado para abrigar o senador Rodrigo Pacheco (PSD), caso ele decida concorrer ao cargo

CDI

"Se tem um povo que é muito criativo e solidário [é o da favela]. Na hora do caos, na hora da crise, é forte essa solidariedade. É uma tecnologia social que a gente tem; é uma potência muito mais inovadora do que eventualmente tudo que a tecnologia consegue trazer"

Natália Cunha, diretora do Museu das Favelas, a respeito do impacto das mudanças climáticas sobre as favelas brasileiras e da forma como a comunidade se ajuda nos cenários críticos

"Olá, olá. Quero dizer que estou muito orgulhoso deste time e também que vocês são os maiores fãs do mundo. Estou pronto para conquistar outro anel no próximo ano"

Shohei Ohtani, do Los Angeles Dodgers, em rara fala em inglês, nas celebrações pela conquista da World Series, título máximo do beisebol nos EUA; considerado um "jogador perfeito" por atuar com excelência como arremessador e rebatedor, o atleta despertou uma Ohtanimania também no Japão, seu país natal

RONALD MARTINEZ/AFP

"Por algum motivo, as pessoas parecem não conseguir aceitar que eu cresci. Em vez disso, agem como se eu devesse permanecer congelada no tempo. Como eu não permaneço, agora sou alvo"

Millie Bobby Brown, atriz de 21 anos, a Eleven de "Stranger Things", sobre os constantes comentários maldosos sobre sua aparência

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"A Câmara federal aprovou o PDL da Pedofilia. O projeto proíbe meninas estupradas grávidas de saberem seus direitos com relação ao aborto legal e seguro"

Manuela D'Ávila, ex-deputada federal, sobre o Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 3/2025, aprovado na Câmara na quarta-feira 5, que susta decisão do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente sobre o acesso de meninas e estupradas ao aborto. A proposta segue ao Senado

REPRODUÇÃO/FACEBOOK

ines249

Paixão sobre rodas.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br